

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

BRUNO MUCKE ABREU

**AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA: ANÁLISE DAS JORNADAS
ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS**

**CAXIAS DO SUL
2022**

BRUNO MUCKE ABREU

**AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19 : ANÁLISE DAS
JORNADAS ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para a obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, na Universidade de Caxias do
Sul.

Orientador: Jacob Raul Hoffmann

**CAXIAS DO SUL
2022**

BRUNO MUCKE ABREU

**AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19: ANÁLISE DAS
JORNADAS ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para a obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, na Universidade de Caxias do
Sul.

Orientador: Jacob Raul Hoffmann

Aprovado em: __/07/2022

Banca Examinadora:

Profº. Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Profº. Dr. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Arthur Dallegrave
Assessor de Imprensa do Esporte Clube Juventude

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao seu Ivanir e a dona Claudete, meus pais, que sempre me incentivaram para que eu pudesse realizar os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e capacidade para lutar pelos meus sonhos. Com todo meu amor, minha eterna gratidão a minha família, mas principalmente aos meus pais, Ivanir e Claudete, que ao longo da minha vida sempre estiveram ao meu lado, indicando que o estudo é o melhor caminho.

Um agradecimento especial ao meu orientador, professor Jacob, por ter acreditado na minha pesquisa. Fazendo analogia ao futebol: pegou sua planilha de campo, colocou sua máscara contra a Covid-19 e me passou todas as orientações táticas de como atacar as linhas defensivas do Trabalho de Conclusão de Curso. Desse jeito ficou mais tranquilo e fiquei de cara para o gol. Esse gol tem muita participação sua, professor.

Agradeço também ao professor Marcell Bocchese, que sempre acreditou no meu potencial nas aulas de rádio do Curso de Jornalismo. Confesso que sempre fui amante do rádio, mas com seus ensinamentos pude me apaixonar mais por essa “cachaça”. Obrigado a todos os professores que fizeram parte da minha construção desde o ensino fundamental até a faculdade.

Meu “muito obrigado” ao Arthur Dallegrave, assessor de imprensa do Esporte Clube Juventude, que desde que fui contratado como repórter da Rádio Caxias tem convivido comigo. Além de ser um grande jornalista, traz conselhos e ensinamentos de quem tem mais experiência na área e torce para que eu faça muitos gols na profissão.

Obrigado a cada um dos meus colegas de Rádio Caxias, que ouviram bastante sobre meu TCC nos últimos meses. Foram companheiros em viagens e entenderam minha necessidade de escrever este trabalho enquanto nos deslocamos para coberturas esportivas. Muito obrigado, principalmente ao Gilberto Júnior e ao Rodrigo de Oliveira, por terem sido como irmãos mais velhos e me indicarem caminhos em meio às dúvidas durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus colegas de curso, que convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo, pelo trabalho em equipe e pela troca de experiências. Sem o apoio de vocês nada disso seria possível. Minha eterna gratidão à Laura Piola, que foi um dos meus pilares na concretização do meu sonho em me tornar jornalista. Estendo os agradecimentos aos meus amigos que, às vezes, mesmo

distantes seguem presentes. Agradeço também ao meu cachorro, o Péricles, que me fez companhia em madrugadas de construções de textos.

Obrigado também ao Esporte Clube Juventude e à Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, por proporcionarem os acontecimentos para que eu possa contar grandes histórias. Estendo meu agradecimento a dirigentes, jogadores, comissão técnica e, principalmente, funcionários, que são o coração dos clubes de futebol. Meu eterno agradecimento a quem acredita em mim e na minha capacidade.

*“Determinando, tu algum
negócio, ser-te-á firme, e a luz
brilhará em teus caminhos.”*

Jó 22:38

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema as mudanças de uma jornada esportiva de futebol em tempos de pandemia da Covid-19. A pesquisa gira em torno da questão norteadora que deseja responder quais as principais mudanças que o contexto da pandemia provocou nas jornadas esportivas da Rádio Caxias. O referencial teórico é composto por assuntos como história do jornalismo; jornalismo esportivo; surgimento do rádio; convergência do rádio; transmissões esportivas; pandemia da Covid-19. Para viabilizar o estudo, foram analisadas duas jornadas esportivas da Rádio Caxias, que contaram os acessos do Juventude em campeonatos nacionais. Juventude x Imperatriz pela Série C em 2019 e Guarani x Juventude pela Série B em 2021. A metodologia utilizada é constituída pelos métodos de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2000). Ao término do estudo, foi possível verificar, a partir dos resultados obtidos, que houve mudanças nas jornadas esportivas da emissora, porém com pouca influência em relação ao coronavírus.

Palavras-chave: Radiojornalismo Esportivo. Jornada Esportiva. Rádio Caxias. Jornalismo. Covid-19.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Impactos do Coronavírus nos pequenos negócios

49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 JORNALISMO	15
2.1 HISTÓRIA DO JORNALISMO	16
2.2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	19
2.3 JORNALISMO ESPORTIVO	21
3 RÁDIO	24
3.1 SURGIMENTO DO RÁDIO	25
3.2 HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL	27
3.3 CONVERGÊNCIA DO RÁDIO	31
3.4 LIGAÇÃO DO RÁDIO COM TRANSMISSÕES ESPORTIVAS	33
3.5 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO	34
4 RÁDIO CAXIAS	36
4.1 RÁDIO CAXIAS E O ESPORTE	41
5 TRANSMISSÕES ESPORTIVAS	44
5.1 JORNADAS ESPORTIVAS DE FUTEBOL EM RÁDIO	45
6 PANDEMIA DA COVID-19	48
6.1. REFLEXOS DA COVID-19 NO FUTEBOL	51
7 METODOLOGIA	53
7.1 MÉTODO	54
7.1.1 Pré-análise	54
7.1.2 Exploração do material	55
7.1.2.1 Codificação	56
7.1.2.2 Categorização	57
7.1.3 Tratamento dos resultados, inferência e interpretação	57
8 ANÁLISES DE TRANSMISSÕES DA RÁDIO CAXIAS	58
8.1. JUVENTUDE X IMPERATRIZ	58
8.2 GUARANI 0 X 1 JUVENTUDE	65
8.3 PÓS-ANÁLISE DAS JORNADAS ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS	73
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE I - PROJETO DE PESQUISA	84
ANEXO I - OBJETO DE PESQUISA	109

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema as mudanças de uma jornada esportiva de futebol em tempos de pandemia. Desta forma, a partir da questão norteadora, "Quais as principais mudanças que o contexto de pandemia da Covid-19 provocou nas jornadas esportivas da Rádio Caxias?", procura-se observar se houve algum impacto sentido pela emissora ao lidar com uma nova realidade promovida pelo coronavírus. A escolha do tema justifica-se ao perceber que é um assunto novo e a importância de que haja um processo de alterações em transmissões esportivas, proporcionadas - inclusive - com o avanço tecnológico. Para compreender isso, o pesquisador definiu a Rádio Caxias para realizar essa análise.

A escolha pela emissora foi feita a partir do entendimento da importância que a mesma tem no contexto local de Caxias do Sul. Desde sua origem, a Rádio Caxias buscou a aproximação com o ouvinte ao produzir jornalismo, dessa forma reforçando o sentimento de identificação apontado por Salomão (2003). Além disso, é possível perceber, mergulhando-se na história da emissora, que há uma vertente forte ligada ao esporte.

Além da fundamentação teórica necessária à pesquisa, o interesse do autor da mesma também motivou o aprofundamento do conhecimento sobre o jornalismo esportivo e as jornadas esportivas. Nesse sentido, duas referências se destacam. Para Magaly Prado (2012, p. 85), "filhos da elite, futebol e rádio tornaram-se catalisadores de emoções e ídolos do povo". A profissionalização do futebol, ainda de acordo com a autora, coincidiu com a época em que o rádio aprimorou as transmissões esportivas. A relação entre rádio e futebol sempre foi próxima. Já para Ferraretto (2001), o esporte foi uma das alternativas que o veículo encontrou para recuperar-se do surgimento da televisão nos anos 50.

Em cima disso, a presente pesquisa irá explorar a relação entre rádio, futebol, jornalismo local e o impacto causado pela pandemia da Covid-19, que obrigou a uma adaptação rápida do meio. Este trabalho de conclusão de curso tem como caráter metodológico a pesquisa qualitativa. A fim de verificar semelhanças e diferenças nas jornadas esportivas da Rádio Caxias nos acessos do Esporte Clube Juventude, saindo da Série C para a Série A do Campeonato Brasileiro. A

metodologia a ser utilizada é constituída pelos métodos de pesquisa bibliográfica e de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2000). Para melhor desenvolvimento desta pesquisa, foram elaboradas três hipóteses:

H1: As transmissões não sofreram alterações, pois o modo de fazer rádio e jornadas esportivas segue o mesmo padrão com o passar dos anos;

H2: As mudanças que aconteceram nas jornadas esportivas foram principalmente oriundas da pandemia devido às exigências sanitárias;

H3: A evolução tecnológica permitiu transformações nas transmissões radiofônicas e proporcionou novos conceitos na realização das jornadas esportivas da Rádio Caxias.

A pesquisa tem como objetivo principal: analisar as coberturas esportivas da Rádio Caxias nos acessos do Juventude da Série C até a Série A do Campeonato Brasileiro no período de dois anos, para verificar os impactos que a pandemia trouxe na emissora e as diferenças no processo de transmissão com o passar do tempo. Como objetivos específicos:

- a) Entender as evoluções nas jornadas esportivas de futebol;
- b) Compreender quais foram os impactos da pandemia em transmissões de esporte na Rádio Caxias;
- c) Conhecer melhor novas tecnologias para explorá-las com o intuito de se aproximar dos ouvintes;
- d) Proporcionar reflexões sobre os modos de transmissões esportivas;
- e) Reconhecer as transformações na linguagem da narração de futebol;
- f) Compreender melhor o trabalho de cada integrante de uma jornada esportiva;
- g) Contribuir para criação de nova interação entre torcedor/receptor e emissor da mensagem.

Além desta introdução, que consiste no primeiro capítulo do trabalho de conclusão de curso, mais oito capítulos são apresentados para tornar o material compreensível.

O segundo capítulo busca trazer a definição de jornalismo, a fim de que haja maior entendimento sobre o contexto histórico e a importância do mesmo para a

sociedade. Além disso, apresenta os gêneros jornalísticos e adentra no jornalismo esportivo, ponto fundamental para a construção dessa pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta o contexto histórico do rádio para que se tenha compreensão sobre sua consolidação no país. Ele é dividido em cinco subcapítulos. O primeiro traz a conceituação e surgimento do rádio. Na sequência, abre-se espaço para a chegada do meio de comunicação no Brasil e a convergência para o fácil poder de adaptação. Por fim, nos últimos dois, reforça a ligação com transmissões esportivas e a criação do radiojornalismo esportivo.

O quarto capítulo traz a história da Rádio Caxias. Uma das maiores emissoras de rádio do Rio Grande do Sul e no ar há 76 anos. Há um subcapítulo especial que detalha a ligação da emissora com o esporte.

Em seguida, no quinto capítulo, os métodos e técnicas utilizadas em transmissões esportivas ganham espaço. Nele apresenta-se também uma evolução e a definição sobre a importância e função de cada participante em uma jornada esportiva.

O capítulo seis relata os impactos proporcionados pela pandemia da Covid-19 na sociedade. Desde o seu surgimento até afetar a parte financeira, incluindo o futebol, que ganha destaque junto ao coronavírus em um subcapítulo.

No sétimo capítulo, os métodos e técnicas utilizados para a elaboração e construção deste trabalho de conclusão de curso são descritos detalhadamente. Este trabalho baseia-se na pesquisa qualitativa e utiliza os métodos da pesquisa bibliográfica, além das três etapas da Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2000): a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na sequência, o oitavo capítulo, é utilizado para as análises, onde é possível encontrar algumas respostas para os questionamentos da pesquisa e destacar as diferenças entre as jornadas esportivas da Rádio Caxias. Para viabilizar o estudo, foram analisadas duas transmissões:

- I. Juventude x Imperatriz, no dia 09 de setembro de 2019, pela Série C do Campeonato Brasileiro;
- II. Guarani x Juventude, no dia 29 de janeiro de 2021, pela Série B do Campeonato Brasileiro.

As considerações finais estão no Capítulo 9, que indica se foi possível responder à questão norteadora. Por meio dela, as hipóteses serão retomadas e descartadas ou confirmadas. Os objetivos também serão resgatados, a fim de constatar se eles foram atingidos ou não.

2 JORNALISMO

De acordo com Groth (2011), o jornalismo pode ser dividido em duas partes. A primeira seria formada por quem exerce o jornalismo como ocupação profissional. Já a segunda estaria relacionada ao “conteúdo, à atividade jornalística e aos seus produtos em conjunto” (GROTH, 2011, p.323).

O autor busca fazer uma distinção entre quem pratica o jornalismo pela ocupação profissional e quem o produz de maneira independente e sem a formação jornalística. Groth (2011) acredita que o jornalismo enquanto profissão surgiu apenas no século XIX, já o fazer jornalístico existe como atividade desde quando emergiram os primeiros jornais. Neste sentido, o autor destaca duas importantes características no conceito de jornalismo: o aspecto social e o caráter grupal.

Profissão é uma característica sociológica não no sentido de que a profissão serve a uma comunidade, que se insere sem atritos na vida comunitária, mas sim no sentido de que os seus membros formam um “grupo” maior, que a profissão é exercida por um número maior de pessoas que sabem umas das outras, que têm uma consciência coletiva e um certo sentimento de comunhão (ainda que só hajam ligações imateriais entre elas) e que assim assegura a continuidade espacial e temporal da atividade profissional (GROTH, 2011, p. 328).

O caráter grupal do profissional mencionado por Groth (2011) está relacionado a características dos profissionais que são peculiares à profissão, tais como comportamento, formas de se vestir e qualidades. O autor cita em sua obra que as primeiras evidências da formação da profissão jornalística datam do século XVIII, na Holanda.

Já a visão de jornalismo para Pena (2013) está ligada ao medo do desconhecido. Segundo o autor, essa natureza leva o homem a querer provar o contrário e conhecer. A curiosidade faz o ser humano buscar detalhes e aprofundamentos sobre os conteúdos que lhe despertam interesse. Ele define em sua obra que os relatos e as informações para serem divulgadas precisam de profissionais que buscam a segurança e a estabilidade do *conhecimento*.

Contudo, Pena (2013) acredita que é possível definir o jornalismo em dois polos. O autor usa a metáfora de magnetismo adotada por Pierre Bourdieu para explicar os lados: o positivo e o negativo. O primeiro seria o campo ideológico, que

define o jornalismo como um serviço público. Já o segundo seria o polo econômico, que considera a informação como um produto comercial.

A partir dessa definição e a fim de entender o jornalista, Kunczik (2002) destaca também que é necessário que aconteça troca de experiências e relatos entre os profissionais de outros veículos e até mesmo com patrões para que haja maior aprofundamento dos conteúdos jornalísticos. Dessa forma, acontece a integração no meio da comunicação para que haja uma cobrança maior da classe em determinadas pautas de interesse coletivo. O autor destaca que o jornalista lida com a imagem que faz de si mesmo e com a projetada pela sociedade, por isso a importância de existir uma investigação coletiva se faz presente.

O jornalista é independente, dinâmico e duro, como o detetive particular. Luta imperturbavelmente num cenário de suborno, corrupção, crime e outros vícios humanos e atos fraudulentos. Qual lobo solitário na selva da maldade do comércio e da política, é valente, incorruptível, responsável, humanamente probo - e descobre a verdade (KUNCZIK, 2002, p. 151).

2.1 HISTÓRIA DO JORNALISMO

Segundo Traquina (2005), a expansão do jornalismo começou no século XIX, juntamente com o crescimento da imprensa, mas conquistou maior espaço no século seguinte, a partir do surgimento de novos meios de comunicação social, como o rádio e a televisão. Atualmente, atravessa uma Era da Informação e Conhecimento, que exige uma série de novas transformações e adaptações dos antigos meios ao mesmo tempo que proporciona mais perspectivas com a possibilidade de contar com o *online*.

Com o passar dos anos, a expansão da imprensa também foi impulsionada pela liberdade, adquirida por meio da conquista de direitos fundamentais e da democracia como nova forma governamental. A visão relacionada aos jornais foi alterada, sendo associados a um meio de comunicação que servia para denunciar as injustiças sociais. Desse modo, como reforça Sodré (1999), o jornalismo passou a figurar como aliado da democracia e ser considerado como Quarto Poder, somando-se ao Legislativo, Judiciário e Executivo.

A evolução da imprensa, desde a Acta Diurna, trouxe independência para os veículos de comunicação. Em paralelo com o Império Romano, os primeiros

jornalistas do mundo surgiram a partir da necessidade de escrever publicações que enalteciam o governo, sendo denominados como *Correspondentes Imperiais*. Na época, os profissionais eram enviados a todas as regiões e províncias romanas com o intuito de acompanhar e elaborar as notícias.

O conceito de que o jornalismo fornece informação e não propaganda transformou a notícia em um produto subjetivamente baseado em fatos e não em opiniões. A partir disso, a informação ganhou o rótulo de mercadoria e essa mudança tornou-se evidente com o aparecimento e crescimento de uma imprensa de caráter sensacionalista no final do século XIX. Traquina (2005) acredita que esse passo foi decisivo para a evolução dos meios de comunicação.

O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro mass media, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda (TRAQUINA, 2005. p. 34).

Dessa maneira, o século XIX pode ser considerado como o período da história de maior importância para o desenvolvimento da imprensa. Esse marco serviu para o jornalismo crescer e tornar-se um negócio lucrativo e rentável, atingindo, assim, sua independência econômica em relação aos subsídios políticos que dominavam a imprensa em seus primórdios, como salienta Traquina (2005).

O século XX chegou e trouxe consigo auge e prestígio aos jornalistas. Na época, os profissionais estavam vinculados necessariamente ao jornal impresso, que era bastante prestigiado. Pesquisas apontam que, nos Estados Unidos, um a cada dois adultos consumia o produto ao menos uma vez por dia. Em 1920, o jornalismo começou a ter um concorrente poderoso: o rádio. O veículo atacou os impressos em duas frentes: ao roubar patrocinadores e ao captar profissionais para que trabalhassem no novo meio que surgia. Como resultado, o jornalismo de massa serve aos interesses do capitalismo e é praticado a fim de reproduzir comportamentos, ao invés de somente informar a sociedade. Isso ocorre devido a fatores econômicos, que muitas vezes sobressaem às responsabilidades sociais dos jornalistas e veículos de comunicação (SILVA, 1991).

Bourdieu (1997) destaca que com o surgimento de novas tecnologias, a atividade jornalística começou a ser orientada pela pressão do tempo, do imediatismo e pelo “furo” de reportagem. Esses fatores acabam construindo diariamente uma representação instantânea e descontínua da realidade e do mundo.

O impacto tecnológico marcou o jornalismo do século XIX como iria marcar toda a história do jornalismo ao longo do século XX até o presente, apertando cada vez mais a pressão das horas de fechamento, permitindo a realização de um valor central da cultura jornalística – o imediatismo. De novas edições dos jornais no mesmo dia à quebra da programação televisiva anunciada como boletins, novos avanços tecnológicos nas últimas décadas do século XX tornaram possível, de longa distância, atingir o cúmulo do imediatismo – “a transmissão direta do acontecimento” (TRAQUINA, 2005, p.53).

Com a ascensão do jornalismo, os meios de comunicação passaram a, obrigatoriamente, ter de descobrir e produzir notícias em escala cada vez maior para atender a demanda. Assim, a empresa jornalística cresceu, oferecendo mais oportunidades de emprego. A atividade de repórter também ganhou maior destaque, responsabilidade e reputação. O jornalismo transformou-se em uma profissão emergente e o repórter tornou-se o responsável por descobrir os acontecimentos, apurar e enquadrar os fatos sob determinada perspectiva de notícia, com poder de despertar o interesse do público (SODRÉ, 1999).

Barbeiro e Rangel (2006) acreditam que existem grandes desafios no jornalismo. O primeiro deles é o tempo e o espaço, que ficam cada vez mais reduzidos nos meios de comunicação. A solução para isso é repassar as informações sem enrolar e evitar detalhes inúteis.

Os autores afirmam que existe o desafio da justiça. O jornalismo das massas está cedendo espaço para o jornalismo especializado. Segundo eles, o jornalismo para todos é jornalismo para ninguém ao mesmo tempo, ou seja, no momento em que tenta expandir o leque de informações, também pode perder detalhes que são importantes. A necessidade de se noticiar conteúdos que afetam o cotidiano das pessoas.

De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), o desafio dos anunciantes é um dos mais intrigantes. Os autores ponderam que é possível trabalhar com antecipação, ou seja, para eles existe a possibilidade de vender um anúncio e publicá-los em momentos onde há uma reportagem com maior impacto e,

consequentemente, venda maior do conteúdo e de seus comerciais. Além disso, é necessário que o jornalista seja criativo e tenha boa relação interpessoal. Também acrescentam sobre a percepção de conteúdo para diferentes públicos. Nesse ponto, entra a questão de idade e gênero, que, por exemplo, nem sempre o que interessa aos homens pode ter a mesma recepção do ponto de vista feminino.

Segundo os autores, o jornalismo é para ser realizado com paixão. Esse é o maior dever ético do jornalista. Porém, não pode exceder os limites da profissão. Seres humanos não são exatos como relógios de quartzo, mas nada justifica que o entusiasmo e a alegria se transformem em manipulação e distorção.

2.2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

A definição dos produtos jornalísticos por gêneros vem sendo discutida desde a década de 1950. Durante esse período, os debates sobre o tema têm sido constantes. É importante salientar que a teoria surge para a literatura e é adaptada, posteriormente, para as discussões do jornalismo. Antes de partir para a divisão dos gêneros puramente jornalísticos, é interessante trazer uma definição geral do que se entende por gênero. Lia Seixas retoma Bakhtin (In: ROSA DOS GÊNEROS, 2007, s/p) para definir o gênero da seguinte forma:

Gênero é um conjunto de enunciados mais ou menos marcados pelas especificidades de um contexto de enunciação, onde uma dada atividade humana recorrente está em andamento em um contexto de cultura. Esse conjunto de enunciados é marcado também pela esfera de utilização da língua, pelo objetivo comunicativo, pelo conteúdo explorado.

Para uma análise mais detalhada e profunda sobre gêneros, utiliza-se o exemplo de Platão na classificação entre sério e burlesco. O primeiro envolvia a epopéia e a tragédia, enquanto o segundo tinha relação com a sátira e a comédia. Para o filósofo, a poesia seria apenas um simulacro da realidade, impedindo o homem de conhecer a si mesmo e jogando-o no mundo das paixões, o que dificultaria sua relação com o mundo das ideias. Assim, definiu três gêneros: mimesis (tragédia e comédia), expositivo (ditirambo) e misto (epopéia), que mistura ficção com realidade.

O processo de produção do produto jornalístico até a sua enunciação, implica na determinação da sua classificação. Para Luiz Beltrão (1969), estão inseridos no gênero informativo a notícia, a entrevista, a reportagem, a história de interesse humano e a informação por imagem. A definição de notícia, segundo o autor, é “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82).

A notícia, portanto, tem o simples papel de deixar as pessoas cientes do que acontece na esfera social. Ela passará as informações básicas do que está acontecendo, apenas para suprir a necessidade de manter o público informado. Melo (1994) acredita que a notícia é a narração absoluta de um fato do qual o público já tem conhecimento.

Há um ponto entre a visão dos dois autores que se contrapõe. Quando Beltrão (1969) diz que um fato que tem a *possibilidade de ocorrer* pode se transformar em notícia, ele considera que, para isso, um fato não precisa, necessariamente, ter chegado ao público. Ao contrário de Melo (1994), que define a notícia como fatos que já eclodiram na sociedade. Se um repórter, por exemplo, descobre que um determinado político desviou verbas destinadas à educação para usos particulares e tem provas, ele não precisa esperar que isso se torne público para ser publicado. Ele realizará o processo contrário: publicará o fato como notícia, para que ele se torne público.

Além da notícia, a entrevista também é categorizada por Beltrão (1969) como gênero informativo. Ele vê a entrevista como

uma técnica de obtenção de matéria de interesse jornalístico por meio de perguntas a outrem. Na entrevista, misturam-se a provocação do jornalista e a sua força descritiva com a reação e os comentários do entrevistado, nas réplicas às questões formuladas (BELTRÃO, 1969, p. 175).

A notícia e a entrevista têm uma forte relação. Ainda em relação à entrevista, Melo (1994, p. 65) a conceitua como “um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”. A entrevista, além de ser um gênero específico, é uma técnica que dá vida a todos os outros gêneros. Pois é através dela que toda produção jornalística é

obtida. O uso da entrevista é muito comum nos meios de comunicação, principalmente rádio e televisão. Ela proporciona maior credibilidade à informação, já que existe a presença da própria pessoa, de forma escrita ou oral, no produto jornalístico.

Como reportagem, Beltrão entende “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos” (1969, p. 195). Ela é muito utilizada quando a cadeia jornalística percebe que um determinado fato é de interesse coletivo e merece um destaque especial. Esse gênero trabalha a informação de forma mais aprofundada e busca oferecer ao leitor, ouvinte ou telespectador uma visão mais ampla sobre o assunto. Na reportagem, deve-se buscar o máximo de detalhes possíveis sobre o que está sendo apurado. Nesse tipo de gênero, o autor deve lançar mão de sua criatividade e inteligência. Melo diz que a reportagem “é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (1994, p. 65). O autor também classifica como gênero informativo a história de interesse humano.

Beltrão (1969) também inclui no gênero informativo a informação por imagem, que pode ser classificada em dois grupos: desenho e caricatura (incluindo ilustração, caricatura/charge, diagramação e história em quadrinhos) e fotografia (divididas em fotos de ocorrência, retratos e fotos artísticas e de entretenimento). Dentro de sua classificação dos produtos jornalísticos, também está incluído o gênero interpretativo. Nele, encontra-se a reportagem em profundidade, que é conceituada pelo autor como “o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, joguemos e possamos agir com acerto” (BELTRÃO, 1976, p. 46). Entende-se que a busca em mostrar um determinado fato sobre várias vertentes que possam enriquecer o trabalho do jornalista. É, sobretudo, ouvir os múltiplos lados da situação, o que vai dar maior equilíbrio e credibilidade ao produto jornalístico. O público deve ter subsídios para tirar suas próprias conclusões neste gênero.

2.3 JORNALISMO ESPORTIVO

Mesmo consolidado no Brasil, o Jornalismo Esportivo carrega rótulos e é constantemente alvo de debates. Existe o pensamento de que é uma área menor, não somente pelo conteúdo entregue, mas por sua proximidade com o entretenimento. Pesquisadores como Barbeiro e Rangel (2006) defendem que essa discussão é inútil.

Jornalismo é Jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13).

Barbeiro e Rangel (2006) preservam a ideia de que os jornalistas esportivos precisam acabar com as brincadeiras a respeito de suas atividades, pois é possível realizar bons conteúdos nessa área. Porém, ponderam que os profissionais que trabalham com o esporte estão chegando nas redações mais preparados que há tempos atrás.

Este novo jornalista esportivo também exibe um conhecimento mais amplo de todas as modalidades esportivas e tem em geral menos resistência a fazer matérias tanto de futebol quanto dos chamados esportes olímpicos (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.20).

Em sua análise sobre a função social do esporte, Bruel (1989) define três categorias que podem ser transpostas para o campo jornalístico, sendo aplicadas como tipos de pautas e temas. São eles: *Esporte Performances*, as modalidades de alto rendimento e o espetáculo do esporte; o *Esportes Participação*, que seria todo o tipo de atividade esportiva praticada pela população de forma espontânea; e o *Esportes Formação*, com o objetivo de formar cidadãos úteis à sociedade.

No Brasil é mais comum encontrar pautas da primeira definição no jornalismo esportivo. A segunda acaba sendo mais restrita a publicações especializadas, ganhando mais espaço e visibilidade com o advento da internet e em épocas de transmissões com grande visibilidade. Já o terceiro é um tipo pouco comum. Além da prevalência do futebol em comparação com outras modalidades, o segmento também é marcado por outra predominância. Os veículos, independente do meio, tendem a focar no que acontece dentro das quatro linhas das arenas, destacando

resultados, pré e pós-jogos, treinos, entrevistas coletivas e material opinativo, como palpites de resultados e a análise de partidas. Abordar as questões econômicas, sociais e políticas do esporte acaba, muitas vezes, de fora do dia-a-dia, aparecendo com força quando um acontecimento torna essa discussão inevitável, como as dívidas dos clubes ou questões sociais. Isso tem se mostrado mais frequente em programas e publicações de menor periodicidade (semanais e mensais) e fora dos grupos ditos “tradicionais”.

Portanto, Gurgel (2012) traz sua ideia sobre como o jornalismo esportivo deve se posicionar, podendo ser aplicado na produção diária e não apenas na cobertura de megaeventos, como proposto pelo autor.

O caminho que defendemos como uma forma de atualizar o Jornalismo Esportivo é o da ampliação da ênfase nos aspectos socioeconômicos do esporte na cobertura dos eventos e do cotidiano das modalidades desportivas. Mesmo que inicialmente soe como contraditório, o fato é que, para se produzir um bom Jornalismo Esportivo, cada vez mais, é fundamental entender os aspectos sociais, políticos e fundamentalmente econômicos envolvidos no contexto da prática esportiva e dos megaeventos esportivos em observação jornalística (GURGEL, 2012, p. 13).

O jornalista esportivo necessita buscar a exatidão em seus conteúdos. O veículo que seguir as práticas do jornalismo terá maior reconhecimento e credibilidade diante do seu público. Para Bahia (1990), a credibilidade é o valor da confiança depositada naquele que passa uma informação com responsabilidade, ou seja, dessa maneira conquista maior audiência.

Entretanto, Barbeiro e Lima (2003) alertam para o exagero na emoção em transmissões esportivas. Para os autores, é uma linha tênue entre a pieguice e a razão.

O exagero é um passo para a desinformação. A rapidez dos acontecimentos no esporte exige do jornalista a improvisação constante, mas as informações não podem ser recheadas de metáforas erroneamente confundidas com estilo. (BARBEIRO E LIMA, 2003, p.84).

Os autores acreditam que o jornalista que cobre esportes também precisa estar preparado para fazer reportagens sobre qualquer outro assunto. Política, violência e economia também movimentam o noticiário esportivo, como afirmam.

3 RÁDIO

Mariano Cebrián Herreros (2001) acredita que o rádio ocupa um lugar privilegiado para manter-se de maneira competitiva e de prestação de serviço à sociedade. Por ser um meio de baixo custo, tanto no aspecto da produção, quanto na difusão, é o meio mais implantado nas sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas. O autor (2001) defende que

(...) a produção é de custo sumamente flexível. Pode ir desde os baixíssimos custos das rádios comunitárias e de intercomunicação social, de participação cidadã até os elevados custos das rádios fortemente competitivas com coberturas de grandes acontecimentos nacionais e internacionais, submetidas a grandes agências com diversidades de correspondentes internacionais (HERREROS, 2001 p.31).

Outro fator relevante é que todas as pessoas têm acesso ao rádio de forma direta, onde o mercado oferece vários tipos de receptores de preços variados, e indiretamente, quando são disponibilizados em lugares públicos ou privados (HERREROS, 2001). Até por conta disso, o autor destaca que o rádio é um meio de massa e com ampla aceitação.

Ferraretto (2001) traz algumas particularidades do rádio em termos de comunicação massiva. Segundo o autor, a audiência pode ser ampla, anônima e heterogênea. Ao atingir o patamar de ampla, ela é apenas limitada pela potência dos transmissores e pela legislação, que obriga que a emissora opere em uma determinada frequência, amplitude e potência. A audiência anônima é aquela onde o comunicador não consegue ter a exatidão de quem são - individualmente - seus ouvintes. Já a heterogênea abrange pessoas de diversas classes econômicas, com anseios e necessidades diversas.

Apesar da audiência ter a capacidade de ser desconhecida, em alguns casos é possível entendê-la por pesquisas de opiniões. De acordo com Ferraretto (2001), a mensagem pode ser definida com base em uma média de gosto, ou seja, em uma emissora voltada às classes sociais distintas que faz uma ampla cobertura jornalística, o texto não deve ser excessivamente erudito e nem excessivamente coloquial.

Assim, cria-se uma relação de proximidade com o ouvinte. O comunicador tem um elo, que por vezes acaba se intensificando pelo momento atravessado por

quem lhe acompanha. Cyro César (2005) aponta dez características funcionais do rádio. Dentre elas, o autor destaca a questão do meio de comunicação desviar as pessoas dos problemas e ansiedades, proporcionando relaxamento e lazer, ou seja, reduzindo a solidão e criando uma sensação de companhia. A sensação de companhia e lazer tem relação direta com o jornalismo esportivo, pois pelas construções de jornadas de esporte por meio do rádio é possível criar uma relação emocional e de se sentir incluído com o acontecimento que é transmitido.

Paul Chantler e Sim Harris (1998) acreditam que o rádio é um meio de comunicação pessoal, ou seja, o locutor fala diretamente com o ouvinte. Segundo os autores, é necessário compreender que quando se fala no rádio, não está se dirigindo para as massas por meio de um gigantesco sistema de transmissão de mensagem.

Você está falando para uma pessoa, como se estivesse conversando com ela, bebendo junto uma xícara de café ou um copo de cerveja. O rádio permite, também, que se ouça toda a emoção da voz humana, da gargalhada ao choro, da dor à compaixão (CHANTLER E HARRIS, 1998 p.21).

Haussen (2004) afirma que, além de agregar novos serviços a sua programação, o rádio procurou acentuar sua proximidade com a comunidade regional. Ainda segundo a autora, se a globalização e a tecnologia trouxeram cada vez mais informações em escala mundial, coube justamente ao rádio, devido a suas características inerentes, promover as informações locais.

3.1 SURGIMENTO DO RÁDIO

Após o advento do jornalismo impresso, o rádio, que teve suas primeiras transmissões no final do século XIX, foi responsável por mudanças significativas no processo de comunicação da sociedade. Sua instantaneidade e oralidade aumentaram o acesso à informação, já que não era necessário saber ler para conhecer uma notícia e ao mesmo tempo se ouvia as informações simultaneamente a seu acontecimento.

O rádio é um veículo de comunicação de massa que por meio de ondas eletromagnéticas atinge um público numeroso, anônimo e heterogêneo. Sua audiência é formada por um número considerável

de ouvintes por ter a possibilidade de atingir uma extensa área de cobertura. O rádio só é limitado pela potência dos transmissores e pela legislação, que determina sua frequência, amplitude e potência. Sua audiência é anônima, pois o comunicador não sabe individualmente onde está cada um de seus ouvintes. Seu público ouvinte é heterogêneo, por causa da abrangência de pessoas de diversas classes socioeconômicas, com anseios e necessidades diferentes. O rádio, como emissor, utiliza a linguagem oral. Ele “fala” a mensagem e o receptor ouve. O ouvinte não precisa ser alfabetizado (CÉSAR, 2005, p. 163).

A maioria dos autores assegura que o italiano Guglielmo Marconi foi o inventor do primeiro sistema para telégrafos sem fios. A transmissão teria sido realizada no Canal da Mancha em 1899. No mesmo período, o austríaco, naturalizado norte-americano, Nikola Tesla também realizava seus estudos e os patenteou. Em 1943, a Suprema Corte Norte - americana considerou-o inventor do rádio. Já no Canadá, Reginald Aubrey Fessenden é reconhecido como o precursor do rádio e o primeiro a transmitir o som da voz humana sem fios. No entanto, não há unanimidade entre os países quanto ao autor desta invenção. No Brasil, a literatura relata que entre 1893 e 1894, o Padre Landell de Moura, realizou transmissões da Telegrafia sem fio.

Ferraretto (2001, p.88) afirma que a obtenção da tecnologia necessária para transmitir sons usando ondas eletromagnéticas não significava o surgimento do rádio. Em 1916, o russo radicado nos Estados Unidos, David Sarnoff antevê na Marconi Company as possibilidades de utilização da tecnologia existente para a conformação de um novo produto. A ideia significa uma mudança de mentalidade, como afirma Maria Cristina Romo Gil (1994, p. 35-36).

No princípio, [o rádio] nasceu como um meio de comunicação bidirecional. Sua função era servir como elo de ligação entre dois sujeitos fisicamente afastados que precisavam estar em constante comunicação. A transmissão e a recepção atuavam entre os dois, havendo comunicação propriamente dita entre ambos (GIL, 1994, p. 35).

Um dos marcos do rádio mundial surge em meados dos anos 20. Desde 1919, a British Marconi fazia emissões regulares na Grã-Bretanha. Sete anos depois, o governo britânico estatiza a radiodifusão no país e encampa a empresa que integra, a partir de então, a British Broadcasting Corporation. O surgimento da BBC estabelece uma forma de fazer rádio distinta da norte-americana, como apontam Sartori e Grazzini (1987).

A emissão radiofônica passa a ser concebida com um serviço público alheio aos interesses das indústrias radiofônicas e independentes do governo, baseado em um estatuto especial de concessão que lhe garante o monopólio e inteiramente financiado pelos usuários do serviço (SARTORI e GRAZZINI, 1987, p. 228).

Em um contexto social e econômico em que tudo era uma nova “descoberta”, César destaca a importância desses avanços tecnológicos tanto para a imprensa quanto para a sociedade da época. O surgimento constante de inventos (técnicas de impressão de grandes tiragens) auxiliou o crescimento da difusão da notícia. O telégrafo e outros meios que foram surgindo com o emprego da eletricidade – telefone, cinema e o próprio rádio – favoreceram sua consolidação.

A imprensa deixava para trás uma época em que a maior parte da população era excluída de uma vida social e política tão-somente pelo descobrimento dos fatos. O consumo da informação passa a ser em massa (CÉSAR, 2005, p. 180).

O autor ainda complementa sobre o surgimento do novo meio de comunicação que se inseriu no contexto de inovação e de agilidade em que o mundo começava a se inserir.

À medida que as novidades tecnológicas se incorporavam à comunicação, os meios de informação se afirmavam. O homem, na ânsia de vencer barreiras no tempo e no espaço, os queria mais velozes e eficazes. É nesse processo, que o início do século XX embalou uma demanda febril da comunicação: o rádio (CÉSAR, 2005, p. 180).

Dessa forma, pode-se perceber que vários inventores contribuíram para o desenvolvimento do meio de comunicação. Atualmente, há diversas estações de rádio para atender inúmeros perfis de ouvintes.

3.2 HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

A partir do desenvolvimento da telegrafia sem fio e da radiocomunicação surgiu o rádio, que deixou a barreira da distância para trás pela primeira vez. Sua apresentação, segundo Calabre (2002), aconteceu em um momento que o Brasil buscava a modernização e o rompimento definitivo com o passado.

O meio de comunicação chegou em solo brasileiro após a Primeira Guerra Mundial. Com a consolidação do capitalismo no mundo, os países mais desenvolvidos estavam interessados em atingir novos mercados consumidores, ampliando seu alcance de suas empresas e de seus lucros. De acordo com Ferraretto (2001), é dentro desse contexto que o rádio chega ao Brasil.

O capitalismo tende, portanto, à busca de mercados cada vez maiores, internacionalizando seus interesses. Com o rádio, ocorre deste modo, processo semelhante ao dos serviços telegráficos e telefônicos, de início operados predominantemente por empresas estrangeiras (FERRARETTO, 2001, p. 93).

Segundo o autor, o capitalismo tende à busca de mercados cada vez maiores, trazendo contexto internacional aos seus interesses. Seguindo a visão argumentada por Ferraretto, o rádio ganha contexto capitalista por ser um meio de comunicação com o poder de atingir novos mercados.

No Brasil, a primeira demonstração pública de radiodifusão sonora ocorre em 7 de setembro de 1922, durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro – capital do país na época -, patrocinada pelo governo em comemoração ao centenário da Independência e comandada por uma empresa norte-americana, a *Westinghouse*. O público presente na inauguração do evento escutou as transmissões por meio de alto-falantes. Também na Exposição, outra empresa estrangeira, a *Western Electric*, implementou seu estande com transmissores de 500 Watts cada, marcando assim o evento com a grande novidade da radiodifusão (FERRARETTO, 2001).

O evento foi considerado um sucesso tanto é que o governo brasileiro interessou-se pela implantação do rádio no país. Pioneiros do meio de comunicação, liderados por Edgar Roquette-Pinto, deflagram o início concreto e oficial da radiodifusão no país, por meio da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, no ano de 1923. A primeira transmissão realizada pela emissora ocorreu no dia 1º de maio daquele ano, através do empréstimo, por parte do governo, de transmissores que eram utilizados para a radiotelefonia.

Por ser um meio de comunicação que não necessitaria de leitura para ser compreendido, o rádio logo se popularizou no país, tornando-se um ícone da comunicação e promovendo um avanço da civilização brasileira.

De modo semelhante ao que ocorre no final do século 20 com a internet, o rádio aparece, de início, como uma forma de colocar indivíduo em contato com o mundo, pelo menos, para os que possuem recursos econômicos, garantindo seu acesso ao novo meio. São eles que vão formar quase como um hobby, clubes, sociedades dedicadas à escuta e à transmissão, base das primeiras estações brasileiras (FERRARETTO, 2014, p.12).

Já Zuculoto (2012) define a história do rádio do Brasil em seis fases:

A primeira refere-se ao surgimento e implantação do rádio no Brasil, em meados dos anos 1922, tido como evolução tecnológica usada para a comunicação.

A implantação do rádio no país representa, então, uma revolução tecnológica e cultural para a sociedade brasileira. Isto porque, mesmo nos seus primórdios e ainda de forma precária, suas características próprias e diferenciadas do principal meio informativo da época – o jornal – já permitiam uma mais rápida divulgação de informações jornalísticas e a prestação de serviços. Apesar disso, nesta fase o rádio se constrói como veículo de comunicação elitista (ZUCULOTO, 2012, p.3).

A segunda fase começa com início de 1935 se estendendo até os anos de 1950 com o advento e expansão da TV. Nesta fase o rádio viveu sua “Era de Ouro”, até a chegada da televisão que faz o rádio se adaptar a nova fase em que seu espaço passa a ser tomado por um novo aparelho com novas características tecnológicas, começa a introdução da informação no rádio, com o radiojornalismo.

É quando o radioinformativo e, conseqüentemente, as notícias realmente se implantam a passa a se desenvolver utilizando características e recursos do veículo mais adequados à transmissão de informações jornalísticas, entre as quais rapidez e o imediatismo (ZUCULOTO, 2012, p.04).

É nesse momento que surge o Repórter Esso, que vem com a proposta de levar mais rapidamente ao público informações sobre a Segunda Guerra Mundial. Com influências do radiojornalismo dos Estados Unidos, o Esso trouxe características do fazer notícia no rádio que perduram até hoje no Brasil. A síntese, a clareza, a objetividade na forma e na estrutura do relato são característicos dos noticiários radiofônicos.

A terceira fase tem início na metade dos anos 1950 e toda década de 60, o rádio diretamente o impacto da televisão e sofre uma grande queda, a música era o que sustentava, as emissoras radiofônicas passaram de grandes veículos de comunicação a um “vitrolão”.

A quarta ocorre nas décadas de 70 a 80. A recuperação do rádio, que para sair do declínio sofrido com o advento da TV no país, passa a incrementar a programação com o jornalismo e prestação de serviços. O surgimento das FM's com melhor transmissão e qualidade de som, chega e promete melhorias. Neste período podemos dizer que foi a fase do radiojornalismo brasileiro conquistar e consolidar espaço.

A quinta fase se dá nos anos 90, começa a era da digitalização, fortes influências e mudanças sob impacto das novas tecnologias e da globalização do final do século XX. O jornalismo estilo Repórter Esso, sofre influências e adaptações do tempo. As rádios em FM têm sua explosão e, além de uma programação musical a notícia e a informação, antes presentes apenas nas emissoras por Amplitude Modulada (AM) que possuem som de baixa qualidade, ganham espaço na Frequência Modulada (FM).

A sexta fase acontece nos anos 2000, a digitalização chega ao rádio. A internet se espalha pelo Brasil e pelo mundo, chega mais uma “ameaça” para o rádio, que encontra na web uma nova forma de se adaptar e manter-se forte e atuante. Nesse momento, além do rádio por transmissão digital, que engatinha no Brasil, surge também o rádio na internet, com os webrádios. Além do áudio vem a multimídia dos conteúdos que agora está na rede mundial de computadores, constituindo o novo fazer rádio.

O início da radiodifusão no país, e seu pioneirismo, é alvo de disputas assim como a invenção do rádio. José Marques de Melo afirma (KLÖCKNER, p.9) que pernambucanos e cariocas divergem quanto a isso, uma vez que “os primeiros defendem que a nossa trajetória radiofônica teve início em 1919, com o funcionamento da Rádio Clube de Pernambuco”, enquanto “outros argumentam: o mérito cabe à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que entrou no ar em 1923”. De acordo com Jung (2007, p.20), essa foi a primeira emissora a fazer suas transmissões com regularidade e graças ao apoio do governo federal, que emprestou dois transmissores.

De acordo com Ferraretto (2001), a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi a primeira emissora regular do Brasil. Com uma preocupação de difusão cultural, embora marcada por um certo elitismo, Edgard Roquette-Pinto mobilizaria um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências em torno do novo meio de comunicação. Tavares (1997) resolveu se interessar e virou secretário. Assim, no

começo de 1923, nasceu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Apesar do empenho, a radiodifusão começa de maneira precária. A emissora chegou a operar sem uma programação definida nos primeiros meses de funcionamento. Segundo Ferraretto, o idealismo dos pioneiros do rádio cunha para o slogan “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”.

De 1923 até o início da década de 30, surgem emissoras em diversos estados brasileiros. Entretanto, Ferraretto (2001) pontua que quando a publicidade é regulamentada em 1932, apresenta o início de uma nova fase na história da radiodifusão sonora do país. Nessa etapa, o veículo está presente na Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Nos anos de 1960 começaram a funcionar as rádios de frequência modulada, as FM's (ORTRIWANO, 2002-2003). Além disso, surgiram os primeiros canais fechados, mantidos por assinaturas. As FM's usavam canais abertos dedicados a música que se caracterizavam por um formato de show, no qual os programas abusavam do diálogo com o público e eram segmentados, atendendo diversos gostos distintos dos ouvintes (FERRARETTO, 2002) .

A informação e a programação segmentadas tomam conta do sinal radiofônico, na década de 1980. De acordo com Ferraretto (2002), no mesmo período se fortalecem as redes de rádio com a popularização das transmissões via satélite. Para Bianco (2008), no passado, o rádio era limitado ao que se estava disponível nas frequências AM e FM. Hoje, as possibilidades de escuta se estenderam às plataformas digitais. O rádio disponível em AM e FM continua presente no dia-a-dia dos ouvintes, mas possibilidades como mp3, celulares e internet são cada vez mais próximos do público do rádio. Segundo Ferraretto (2007), duas inovações tecnológicas foram fundamentais para a configuração das rotinas do radiojornalismo a partir da década de 1990. Trata-se do uso do telefone celular e da internet como fonte e como suporte para a informação. A partir dessas inovações, segundo o mesmo autor, o radiojornalismo passou a ser afetado mais intensamente pelo processo de convergência.

3.3 CONVERGÊNCIA DO RÁDIO

Gomes (2009) reforça que o alto número de analfabetos fazia do rádio um meio ideal para vender produtos e ditar modas, superando - inclusive - a mídia impressa, tradicional até então. Segundo o autor, esse fato fez com que a radiodifusão assumisse novas funções além da educativa e cultural, diretamente ligada ao desenvolvimento político e econômico do país e da mobilização de massa.

Dessa forma, o rádio assume uma vocação de construir e colaborar com o desenvolvimento no Brasil. Ortriwano (1985) destaca o potencial para o fomento do meio de comunicação na época.

A linguagem oral, que proporciona uma facilidade na compreensão das informações independentes da escolaridade, alfabetização e o aspecto de que seu consumo não impede o indivíduo de realizar outras atividades econômicas ou de lazer (ORTRIWANO, 1985, P; 62).

Em cima disso, Peruzzo (1998), aponta como características do rádio:

a) a fácil compreensão por parte do ouvinte e a audição sem que outras atividades sejam interrompidas; b) a penetração em locais mais remotos e, conseqüentemente, o regionalismo da emissora criam forte relação com o local em que está fincada; c) a mobilidade na transição e recepção que permitem transmitir mais informações e de forma mais ágil; e d) o baixo custo de instalação e de manutenção que facilita a aquisição do veículo pelos interesses e de menor poder aquisitivo (PERUZZO, 1998, p.09).

Entrando na questão da convergência do rádio, visto anteriormente que é um meio de comunicação importante para a construção da sociedade, é preciso entender que pode ser entendido como um processo gerado pelo aperfeiçoamento da tecnologia. Para Jenkins, “ela representa uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (2006, p. 26).

Segundo García Avilés (2007) é impossível compreender a comunicação sem considerar a existência da convergência. Ela afeta diretamente as práticas e rotinas de produção de todos os veículos de comunicação. A convergência refere-se ao fluxo de conteúdos através de diferentes suportes midiáticos, a cooperação entre

mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2006).

Existem diferentes níveis de convergência midiática como a empresarial, de conteúdo, profissional e tecnológica. A primeira se refere a diversificação midiática ocorrida em empresas (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008), ou seja, é quando uma mesma empresa trabalha com diferentes veículos de comunicação. A convergência de conteúdos trata da difusão dos mesmos conteúdos através dos diferentes meios. Ocorre, por exemplo, quando um informativo radiofônico ocupa-se de conteúdos divulgados previamente em um jornal impresso. Quando determinada empresa é responsável pela produção de diferentes veículos, quando conteúdos convergem e quando as tecnologias passam a fazer parte das rotinas das redações de maneira intensa, as características dos profissionais também tendem a sofrer alterações. Assim, compreende-se a convergência profissional.

Para Kischinhevsky (2009), o profissional de imprensa é uma das mais destacadas vítimas do processo econômico, social, político e cultural por convergência. Assim, hoje exige-se um profissional ágil e multimídia. Portanto, essa dimensão de convergência pode ser considerada como uma das consequências das outras dimensões.

3.4 LIGAÇÃO DO RÁDIO COM TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

Ferraretto (2001) ressalta que na década de 20 é a época em que há indícios sobre a divulgação de informações relacionadas ao esporte no rádio, porém ainda sem a transmissão de eventos na íntegra. O futebol, como esporte de massa – assim como o veículo de comunicação –, consolidou-se depois de 1930.

Soares (1994) atribui o pioneirismo das transmissões esportivas para Nicolau Tuma, que narrou o jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná, no dia 19 de julho de 1931. No Rio Grande do Sul, de acordo com Ferraretto, o primeiro jogo transmitido em rádio foi Grêmio e Seleção do Paraná, no dia 19 de novembro de 1931, na então Rádio Sociedade Gaúcha. Para o autor, a paixão do esporte casou bem com a expansão do rádio.

“A importância do esporte no dia-a-dia das grandes emissoras do país pode ser atestada por uma constatação: o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários.” (FERRARETO, 2001. p.315).

Ortriwano (1985) afirma que, apesar das raras referências bibliográficas que tratam do radiojornalismo esportivo, ele sempre foi muito presente, sendo um dos setores mais opinativos da programação. Segundo ela, a primeira transmissão de um jogo de futebol ocorreu em 10 de fevereiro de 1932 e já na Copa de 38 um narrador brasileiro transmitiu as partidas diretamente da França.

As transmissões de futebol não desaparecem do rádio, diferentemente das radionovelas. Apesar da imagem agregar valor a uma transmissão, as características particulares do rádio fazem com que ele se mantenha plenamente vivo até os dias de hoje. Um exemplo disso é o fato de torcedores assistirem os jogos – no estádio ou pela televisão – e acompanharem as narrações e comentários via rádio.

3.5 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO

Soares (1994) afirma que o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. A primeira transmissão esportiva detalhada e registrada em um jogo de futebol foi realizada pela Rádio Sociedade Educadora Paulista, durante o VIII Campeonato Brasileiro, em 1931.

Jogaram as seleções de São Paulo e do Paraná, no campo da Chácara da Floresta, no bairro da Ponte Grande, em São Paulo. Nesse dia, foi criada uma técnica para a transmissão direta de futebol. E teve início a simbiose, que dura até hoje, entre radiojornalismo esportivo e esse esporte (SOARES, 1994, p.17).

Sem cabine de imprensa, que sequer era pensada na época, coube aos comunicadores transmitirem a partida da arquibancada. Isso evidencia uma das marcas do radiojornalismo esportivo em seu começo: a improvisação. A autora afirma que os primeiros anos de cobertura do rádio no esporte são marcados por imprevisto e falta de recursos técnicos. As limitações e as barreiras foram vencidas com a criatividade. Dessa forma, surgiram inovações na maneira de como eram feitas as coberturas esportivas (SOARES, 1994).

Com o passar dos anos, os avanços tecnológicos e a profissionalização da cobertura esportiva proporcionaram maior segurança e fizeram com que se tenha que recorrer cada vez menos à improvisação nas transmissões. Porém, Barbeiro e Lima (2003) afirmam que as transmissões esportivas em termos de narração seguem os mesmos modelos com pouca inovação. Segundo os autores, “o modelo que os jovens narradores usam é arcaico (BARBEIRO E LIMA, 2003, p.84). Assim, é necessário encontrar uma nova forma sem perder a emoção, componente principal no esporte.

Prado (2012) destaca que presidentes e dirigentes dos clubes de futebol chegaram a se posicionar contrários às transmissões esportivas com a alegação de que o rádio esvaziaria os estádios. Porém, isso não se confirmou e o meio de comunicação aproximou ainda mais os torcedores/ouvintes com o esporte.

Barbeiro e Rangel (2006) acreditam que a cobertura esportiva encaixa-se como prestação de serviço, uma das principais características do jornalismo. “A prestação de serviço deve ter a mesma qualidade, seriedade, exatidão e credibilidade de qualquer matéria” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 60). Segundo os autores, é por meio da cobertura esportiva que o torcedor busca informações como preço dos ingressos, local de venda, horários dos jogos, trânsito a caminho do estádio, além de informações diretamente relacionadas ao seu time, como escalação, desfalques e suspensões. Barbeiro e Rangel (2006) também destacam que as informações de prestação de serviço tem influência direta na vida dos torcedores e que um erro pode trazer consequências imediatas e, dependendo do caso, graves.

4 RÁDIO CAXIAS

No Rio Grande do Sul, segundo Ferraretto (2002), a primeira emissora a realizar, de forma organizada, transmissões de rádio no estado foi a Rádio Sociedade Rio-Grandense, fundada no ano de 1924, em Porto Alegre. Jung (2004) afirma que pouco tempo depois o rádio se espalhou pelo interior. A primeira emissora, fora da capital, foi a Rádio Sociedade Pelotense, inaugurada no ano de 1925, em Pelotas, há 256 quilômetros de Porto Alegre.

De acordo com Ferraretto (2002), a radiodifusão gaúcha teve três momentos distintos nos primeiros anos de desenvolvimento. Inicialmente, no âmbito da elite, há uma curiosidade em relação à inovação tecnológica e às possibilidades que era representa, “o que leva os pioneiros da radiodifusão sonora a adquirirem aparelhos receptores e, na sequência, a se organizarem em entidades transmissoras, as primeiras rádios do Rio Grande do Sul” (FERRARETTO, 2002, p. 17). Em um segundo momento, parcelas da elite vêm no meio radiofônico um campo de investimento financeiro com possibilidades econômicas e políticas, com a constituição de sociedades comerciais voltadas à veiculação de publicidade paga, à auto sustentação e à obtenção de lucro. Na terceira fase do rádio gaúcho “as emissoras comerciais firmam-se, constituindo um mercado próprio, mesmo que restrito pelas possibilidades de então” (FERRARETTO, 2002, p. 17).

Na primeira metade da década de 40, um grupo de empresários começou a articular com o governo federal a autorização para implantar em Caxias do Sul aquela que se tornaria a primeira rádio do município. Kirst (2017) destaca que a necessidade para a criação era uma resposta ao processo de perda da autoestima sentida pela população local, devido aos preconceitos que a Segunda Guerra Mundial trouxe para imigrantes italianos e alemães.

Para o autor, uma emissora de rádio com transmissões em Caxias do Sul significaria “um instrumento importante no esforço de aglutinar as energias do povo local” (KIRST, 2017, p. 14). A mobilização deu resultado e em 1944 foi concedida a autorização para a constituição da primeira emissora de rádio no município, que entraria no ar dois anos mais tarde.

A Rádio Caxias, ZY3 Rádio Caxias do Sul, foi fundada no dia 27 de abril de 1946 e fazia parte das Emissoras Reunidas Rádio Cultura Ltda. Foi criada por Antônio Ballvé, Joaquim Pedro Lisboa e Luiz Napolitano, em um dos estúdios nas

dependências do clube Recreio Guarany. Segundo Kirst (2017), o prefeito da época, Dante Marcucci, ofereceu um terreno público existente na Avenida Júlio de Castilhos para a instalação da emissora, tamanha importância que trazia para a cidade. Porém, os proprietários recusaram por não possuir verba para sustentar a construção do prédio.

Conforme Kirst (2017) antes da inauguração oficial da Rádio Caxias, a ZYF-3 entrava no ar algumas horas do dia em caráter experimental para testar os equipamentos. O autor destaca que a solenidade oficial de abertura teve apresentação da Orquestra Sinfônica Caxiense, regida pelo maestro João Cosner e com canções de Ilse Fontana, enquanto Arnaldo Ballvé fez o discurso inaugural.

Apesar da potência de 250 watts de transmissão - modesta para época - o sinal da rádio podia ser captado em diversas localidades do interior e também em municípios vizinhos, como destaca Kirst (2017, p.29). A primeira emissora de rádio de Caxias do Sul e a segunda do interior do Rio Grande do Sul, surgiu em um momento de reconstrução da cidade e região serrana.

A rigor, quando a Rádio começou suas atividades, não se completara o primeiro aniversário do término da Guerra na Europa. O Brasil vinha se recompondo dos tropeços crescentes, dos racionamentos, da vigilância policial e dos choques provocados pelas hostilidades. As atividades industriais, comerciais e agrícolas iam se ampliando. Criavam-se novas oportunidades (GARDELIN; LUCENA; MAGNABOSCO, 1996, p. 17).

Assim como outras emissoras, a Rádio Caxias enfrentou problemas. No entanto, como destacam Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996), rapidamente encontrou seu caminho. Kirst (2007) acredita que isso se refletiu na vocação de posicionar-se ao lado dos interesses da comunidade, representada na programação, voltada a levar informação e cultura à população, tendo como prioridade o conteúdo local.

Em seus primeiros anos, a Rádio Caxias começava suas transmissões diárias às 9h e seguia até às 15h de maneira ininterrupta. A emissora saía do ar para retornar às 17h, seguindo até às 23h. Essa estratégia, segundo Kirst (2017), era construída pelos ouvintes que só podiam escutar em casa e na época não existiam rádios portáteis. O autor destaca o entendimento da emissora para com a população.

Cidade operária por vocação, não fazia sentido manter a programação em horários em que a maioria dos ouvintes estava fora de casa, trabalhando ou em horários de descanso (KIRST, p.31, 2017).

O sucesso crescente e o aumento no número de anunciantes influenciaram a emissora a ampliar a grade de programação, ocupando horários que até então eram deixados fora do ar.

A presença de um veículo que fazia transmissões ao vivo, narrando os fatos locais em tempo real, como visitas presidenciais, jogos de futebol, competições automobilísticas, bailes, festas, eventos e entrevistas, configurou-se em uma experiência completamente nova aos caxienses, em termos de apreensão de informação (KIRST, 2017, p. 32).

O elo com a comunidade abriu uma nova frente a partir de 15 de novembro de 1946, quando foi ao ar pela primeira vez o programa “Esportes na Onda”, que deu o pontapé inicial para o Departamento de Esportes da Rádio Caxias do Sul. Segundo Kirst (2017), foi com Nestor Gollo, que sugeriu para Nestor Rizzo, o começo do segmento na emissora, configurando no ensaio para o início das transmissões futebolísticas, que no ano seguinte se concretizaram.

Em 1950, a Rádio Caxias firmou suas raízes e consolidou-se, quando os estúdios foram transferidos para o primeiro andar do Edifício Kalil Sehbe. As novas instalações intensificaram a programação e a participação do público. O Auditório Arnaldo Ballvé, com capacidade de 90 lugares, proporcionou a irradiação de programas e radionovelas com a participação de ouvintes e espectadores. Para Gardelin, Lucena e Magnabosco (1996, p. 24), essa “foi uma fase de grande desenvolvimento da Rádio Caxias, com a ampliação de sua programação noticiosa, esportiva, radioteatro ao vivo, musicais e programas de auditório”.

Ao longo de sua primeira década de existência, a Rádio Caxias atuou sozinha no cenário radiofônico da cidade, conquistando ouvintes, credibilidade e parceiros. Em 1956, no entanto, como relata Kirst (2017), uma segunda emissora chegava à região: a Rádio Independência com estúdios em Flores da Cunha e em Caxias do Sul.

Surgia a concorrência, e a necessidade de permanecer sempre atento às nuances do mercado se transformaria em preocupação perene, moldando os rumos e o destino da empresa (KIRST, 2017, p. 44).

O crescimento da Rádio Caxias foi maior percebido em 1972, quando a emissora inaugurou sua própria sede. Os novos estúdios estão localizados no 21º andar do Edifício Estrela e correspondem aos que a emissora usa até os dias de hoje. Segundo Kirst (2017), o novo espaço foi planejado para acomodar as necessidades logísticas e operacionais de todos os setores da empresa, contando com equipamentos modernos e recursos técnicos em todos os departamentos. Conforme o autor, o novo endereço também representou mudanças na forma de fazer rádio em Caxias do Sul. A tecnologia passou a permitir que os comentaristas fizessem suas participações, tanto ao vivo quanto gravadas, por meio de contatos telefônicos, sendo desnecessária a presença física nos estúdios.

A radiodifusão caxiense entrou em uma nova fase no fim da década de 80, quando o empresário Paulo Roberto Lisboa Triches, neto de Joaquim Pedro Lisboa, decidiu investir no setor de comunicações em Caxias do Sul. Triches era sócio-proprietário e administrava o Grupo Enxuta, quando comprou emissoras de rádio e fundou um jornal diário, a Folha de Hoje. Apostando sempre no desenvolvimento da cultura e do esporte, abrigava uma casa de espetáculos, o Teatro de Lona, que sediou grandes shows ao longo das décadas de 80 e 90 na cidade, e patrocinou um time de futsal que fez história nessa modalidade de esporte no País (KIRST, 2017).

O empresário decidiu adquirir as rádios Princesa, Independência AM e Pampa FM, ação que concretizou um marco na história das comunicações em Caxias do Sul: o surgimento do Sistema Trídio de Comunicação (STC). Em 1988, a Rádio Caxias foi vendida ao STC. Entretanto, Kirst (2007) relata que a notícia da venda foi pauta dos assuntos da comunidade caxiense e no meio dos ouvintes pairava a incerteza sobre qual seria o futuro da emissora, agora sob nova direção, pois a Rádio Caxias, com seus então 42 anos de existência, já estava estabelecida na condição de ícone representativo da comunidade local (KIRST, 2017, p. 67).

A nova administração implantou mudanças na programação da Rádio Caxias. De acordo com Kirst (2017), na frequência 930 AM, foi adotada uma programação voltada exclusivamente aos segmentos de jornalismo e esporte. Da antiga grade de programação restaram o “Radiojornal Formolo” e o “Esporte na Onda”. O autor destaca que alguns programas criados naquele período conquistaram a identificação dos caxienses, como o “Jornal da Caxias” e o “Campo Neutro”, que seguem entre as

atrações da emissora. A programação, que fazia parte da grade da emissora antes de ser adquirida pelo STC, foi transferida para uma nova proposta do grupo: a Rádio 1010 AM.

Conforme Kirst (2017) a implantação de uma programação completa de jornalismo e esporte foi uma revolução para o município.

Embora a Caxias e outras emissoras tivessem por tradição a dedicação de espaços para informação, até então nada parecido havia sido feito no rádio caxiense. O novo formato permitia a ampliação e a análise das informações trazidas pela equipe de reportagem, e uma das marcas que passou a ser construída foi o acompanhamento intenso dos processos eleitorais (KIRST, 2017, p. 69-70).

As movimentações no setor radiofônico permaneceram intensas no final da década de 80 em Caxias do Sul. Os impactos econômicos foram sentidos nos anos 90 e trouxeram influência no grupo STC. Conforme Kirst (2017), a onerosa estrutura montada por Paulo Triches passou por adequações. Uma das áreas afetadas foi o projeto “Folha de Hoje”, mantido até 1994, porém os problemas econômicos forçaram seu fechamento. O autor reforça as dificuldades ao citar que o Departamento de Esportes sofreu ameaças de encerrar suas atividades, mas uma parceria manteve a programação esportiva no ar.

Pouco tempo depois já houve uma resposta para as dificuldades financeiras, “o processo de reestruturação organizacional e fortalecimento do Departamento Comercial da emissora deu resultado, e a Rádio Caxias já pôde comemorar de forma mais tranqüila seu cinquentenário, em 1996” (KIRST, 2017, p.73).

A rádio seguiu inovando e um ano após comemorar seus 50 anos, a Caxias lançou seu website, sendo uma das primeiras emissoras do Brasil a lançar um site. O século XXI iniciou com o desafio de adaptação às novas mudanças tecnológicas para a Rádio Caxias. Conforme Kirst (2017), ao completar 60 anos, a emissora recebeu obras de remodelação em suas instalações, a maior reforma realizada no ambiente desde que se mudou para o Edifício Estrela, na década de 70.

A evolução tecnológica nos anos 2000, como destaca Kirst (2017), permitiu que a emissora disponibilizasse áudios também na internet, o que, segundo o autor, revolucionou as possibilidades de alcance e audiência. Por aliar texto e imagem, o site se tornou uma nova frente de trabalho, possibilitando uma informação mais

detalhada. A evolução da telefonia também foi marcante para a Rádio Caxias, uma vez que proporcionou um maior contato entre os ouvintes e a emissora.

A Rádio Caxias mudou para a frequência modulada (FM) em 2012, seguindo a tendência de mercado do restante do país. A emissora decidiu usar o dial 93,5, que, segundo Kirst (2017), pertencia à emissora e já havia sediado algumas programações. Essa foi a terceira frequência da história da Rádio Caxias. O período de transição para o FM durou três anos e em 2015 a emissora passou a concentrar sua programação no 93,5. Na frequência 930 AM foi criada a Rádio Cidade, com caráter popular; e no 1010 AM a Rádio Tua Voz, dedicada ao público gospel. Ainda em 2012, a rádio iniciou a implantação de um aplicativo para smartphones e tablets, ampliando o trabalho realizado no site (KIRST, 2017).

Mudanças diretivas significativas foram percebidas também no século XXI. De acordo com Kirst (2017), o empresário Paulo Triches esteve diretamente no comando da Rádio Caxias e das demais emissoras do grupo STC, desde sua aquisição no final da década de 80. No entanto, como relata Kirst (2017), a direção-geral da rádio foi exercida por vários profissionais buscados no mercado desde então. O autor afirma que após reuniões familiares, decidiu-se passar o comando para Guilherme Triches em 2003, que é quem comanda até os dias atuais. O diretor é filho de Paulo Triches e bisneto do fundador da Rádio Caxias, Joaquim Pedro Lisboa.

A relação da Rádio Caxias com a identidade cultural do município pode ser resumida no slogan adotado pela emissora em 2012: “Sempre Contigo”. Para Kirst o slogan representa diversas simbologias: “a tradição de sete décadas, a evolução junto com a sociedade, a preocupação com o conteúdo local e a presença em variadas plataformas” (KIRST, 2017, p. 91).

4.1 RÁDIO CAXIAS E O ESPORTE

O esporte está ligado diretamente com a história da Rádio Caxias. Já citado no capítulo anterior, um dos avanços da relação emissora e comunidade foi a criação do “Esportes na Onda”, em novembro de 1946. Segundo Kirst (2017), esse programa foi o precursor do Departamento de Esportes da rádio e serviu de ensaio para as transmissões esportivas, que tiveram início no ano seguinte.

O esporte, em especial o futebol, ganhava desde cedo espaço nobre na programação da rádio, e a principal atração era o acompanhamento do Campeonato Municipal, disputado naquele fim da década de 40 por três equipes: Juventude, Flamengo e Fluminense (KIRST, 2017, p. 34-36).

O esporte permaneceu como produto forte da Rádio Caxias. De acordo com o autor - nas décadas de 50 e 60 - celebrações eram realizadas no dia 15 de novembro, data de criação do “Esportes na Onda”. Era a comemoração de um marco na história do esporte local de Caxias do Sul.

Kirst (2017) destaca a surpresa que a Rádio Caxias trouxe para a comunidade em 1950. A emissora retransmitiu para seus ouvintes a Copa do Mundo de Futebol, sediada no Brasil. Os jogos retransmitidos foram México x Suíça e México x Iugoslávia, ambos realizados no Estádio dos Eucaliptos, que pertencia ao Internacional na época, em Porto Alegre.

Em 1961, a cobertura esportiva foi ampliada pela Rádio Caxias, quando o Campeonato Gaúcho de Futebol foi unificado e, conseqüentemente, sendo disputado por clubes da capital e do interior do Rio Grande do Sul. Entre esses times estavam o Juventude e o Flamengo (antigo nome da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul). Kirst (2017) afirma que com isso, além das jornadas esportivas da Copa do Mundo, a emissora passou a acompanhar de perto as duas equipes de futebol de Caxias do Sul em cidades como Bagé, Pelotas e Rio Grande, entre outras cidades distantes. “Essa ação reforçou o elo com a comunidade, pois foi sendo criada a tradição de acompanhamento constante do futebol local que, ao longo do tempo, se cristalizou como uma marca de Caxias” (KIRST, 2017, p. 47).

Kirst (2017) relata que a década de 90 foi a mais importante para o Departamento de Esportes da Rádio Caxias. O período foi de ascensão para a emissora e para o futebol de Caxias do Sul. Em 1994, o Juventude foi campeão da segunda divisão nacional e conquistou seu acesso para o Campeonato Brasileiro da Série A. Pouco tempo depois, faturou o Campeonato Gaúcho em 1998 e a Copa do Brasil de 99. Do lado grená da cidade também houve conquista, em 2000, quando o Caxias conquistou o título gaúcho de futebol. Os títulos foram uma espécie de coroação ao trabalho da emissora, que por mais de sete décadas tem a defesa ao esporte local como objetivo. “Toda uma geração de profissionais ficou marcada por cruzar o estado e o País para reportar aqueles momentos épicos” (KIRST, 2017, p. 76).

Kirst (2017) reforça que não é só de esporte local que a história da Rádio Caxias é marcada. Segundo o autor, a emissora enviou profissionais para a cobertura do Mundial de Futsal em 1996, na Espanha. No ano seguinte, o veículo de comunicação se fez presente na Copa América, realizada na Bolívia. Em 1998, a Rádio Caxias acompanhou a Copa do Mundo de Futebol, na França.

Após 76 anos, a cobertura esportiva segue muito forte na programação da Rádio Caxias. Setoristas acompanham de perto o dia-a-dia de Caxias e Juventude nos estádios Centenário e Alfredo Jaconi. Atualmente, quatro programas de esporte fazem parte da grade de programação da rádio. O primeiro programa do dia é o “Giro Esportivo”, das 11h até 12h. Na sequência tem o “Campo Neutro”, que começa às 13h e vai até às 14h30 e debate os assuntos do esporte local. O “Esportes na Onda”, que segundo Kirst (2017) é o mais tradicional do rádio brasileiro, faz parte da grade desde 1946, e vai ao ar das 17h30 até 19h. Fechando a programação esportiva tem o “Lance Direto”, das 19h30 às 21h. Além disso, a Rádio Caxias tem programas específicos voltados para o esporte no fim de semana. A cobertura do Departamento de Esportes inclui ainda a Jornada Esportiva, que transmite os jogos da Dupla Ca-Ju e do Caxias do Sul Basquete.

5 TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

Ferraretto (2001) acredita que as jornadas esportivas podem ser definidas como transmissões de eventos esportivos na íntegra. Para o autor, "a transmissão lance a lance de uma competição constitui-se no momento mais importante da cobertura esportiva em uma emissora de rádio. Nela, mesclam-se planejamento e improviso" (FERRARETTO, 2001, p.322).

O esporte serviu também como uma das alternativas que o rádio encontrou para se recuperar do abalo sofrido com o surgimento da televisão. Os títulos da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo da Suécia, em 1958, e do Chile, em 1962, segundo Ferraretto (2001), impulsionaram a cobertura e as transmissões esportivas no rádio. O autor destaca que oito funções foram e são imprescindíveis para o andamento da cobertura esportiva: coordenador de esportes, plantão esportivo, narrador, comentarista, repórter, apresentador, produtor e radioescuta.

O coordenador de esportes é quem gerencia toda a atividade do setor, viabiliza as transmissões e faz a ligação com o departamento comercial. De acordo com Ferraretto (2001, p.316), é quem orienta a cobertura do dia-a-dia dos clubes e entidades ligadas ao esporte, além de organizar a de eventos como jogos, corridas e outras atividades esportivas. O plantão esportivo traz informações adicionais sobre o que acontece na jornada, apresenta detalhes de campanha dos clubes e atletas. Ou seja, segundo o autor, é um complemento aquilo que está sendo transmitido.

Ferraretto (2001) afirma que o narrador é uma das peças fundamentais pois segura a jornada esportiva com uma mistura de informação e emoção, além disso mexe com a sensorialidade do ouvinte permitindo a ele uma visão daquilo que acontece. O comentarista representa um elemento de opinião. "Durante a transmissão de um evento esportivo, analisa, considera, sugere, opina e crítica o que está ocorrendo (FERRARETTO, 2001, p.316).

O repórter esportivo, segundo Ferraretto (2001), exerce sua função de modo semelhante aos seus colegas do Departamento de Jornalismo, porém com uma dose de especialização.

No dia-a-dia, assume a figura do setorista, aquele que acompanha um clube, entidade ou esporte específico. Na transmissão ao vivo de uma competição, é chamado de repórter de campo, constituindo-se no integrante da equipe mais próximo dos lances de uma partida (FERRARETTO, 2001, p.317).

Já o apresentador é quem faz a condução dos programas diários dedicados ao esporte. Fora das transmissões, narradores, comentaristas, plantões e repórteres podem assumir essa função. Ferraretto (2001) acredita que o produtor é responsável por programas específicos e pode auxiliar o plantão esportivo. Para Barbeiro e Rangel (2006, p.30), o produtor é antes de tudo um repórter e funciona como elo entre a reportagem e a emissora. O radioescuta era composto por estagiários, na maior parte das vezes. Era o profissional responsável por acompanhar transmissões de emissoras concorrentes e organizavam as informações noticiosas, segundo Ferraretto (2001). Porém, com o avanço da tecnologia e da internet, essa função foi sendo fechada nos departamentos de esportes.

Entre o final dos anos 90 e o início dos anos 2000, o faturamento com as jornadas esportivas chamavam atenção. Conforme Coelho (2004), a partir de então, as grandes rádios sempre enviavam representantes para acompanhar as delegações em outros Estados.

Em toda viagem de um grande clube, lá estava o repórter acompanhando a delegação. A lógica valia para jogo de campeonato brasileiro. (...) Em 2002, os direitos de transmissão custaram uma fortuna para as emissoras de rádio do Brasil. Não saíam por menos de 20 milhões de dólares. A rádio Globo e Bandeirantes ratearam despesas e enviaram equipes para a cobertura do Mundial da Coréia e do Japão. A Jovem Pan, emissora de maior prestígio em São Paulo, preferiu não comprar os direitos (COELHO, 2004, p. 29).

Conforme Barbeiro e Rangel (2006), ao visualizar que despertavam o interesse de grande parte da população, as emissoras de rádio e televisão começaram a enviar três repórteres para os eventos. “Um para cada time e o terceiro popularmente como “repórter da galera” tem a missão de enxergar o que não ocorre dentro do campo ou da quadra” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 60).

5.1 JORNADAS ESPORTIVAS DE FUTEBOL EM RÁDIO

Chantler e Harris (1998) acreditam que a principal diferença nas jornadas esportivas de rádio para televisão é que no rádio quem liga o ouvinte ao jogo é o narrador, enquanto na TV não existe isso pela existência da imagem. Os autores reforçam a ideia de que na televisão é possível tirar o som e seguir acompanhando a cobertura esportiva, porém no rádio não é possível que aconteça sem a presença de

um “elo de ligação”.

Ferraretto (2014) divide a jornada esportiva em quatro momentos: a abertura, o jogo em si, o intervalo e o encerramento. A primeira etapa é a abertura – iniciada geralmente cerca de 30 minutos antes do horário do jogo –, em que são apresentadas as principais informações da partida.

O narrador comanda. Os repórteres trazem as informações mais atuais, completadas por dados de arquivo fornecidos pelo plantão. O comentarista analisa tudo, situando ainda mais o ouvinte. O tom é de uma conversa informal, embora pautada pelos critérios noticiosos. A transmissão gira em torno da reportagem para, com o início do jogo, concentrar-se no narrador (FERRARETTO, 2014, p. 218).

Quando o árbitro apita e a bola começa a rolar, inicia também o segundo momento da transmissão: o jogo em si. Nesse instante há a necessidade do apelo à sensorialidade do ouvinte, transmitindo a ele, em uma descrição lance a lance, um panorama do estádio e de onde está a bola em disputa pelos jogadores. O momento mais aguardado das partidas de futebol é o gol, Ferraretto (2014) apresenta uma ordem na descrição da bola na rede durante a partida. Segundo o autor existe uma sequência: narrador-repórter-comentarista-plantão. Ainda é possível reproduzir vinhetas e trilhas diferenciadas. Soares (1994) afirma que o uso de sons, como trechos instrumentais do hino do clube, durante a transmissão serve como uma forma de aumentar a emoção da narração e preparar o ouvinte para receber informações paralelas às jogadas, como o placar e o tempo de jogo.

Ferraretto (2014) descreve que o terceiro momento é o intervalo de partida, onde os repórteres trazem entrevistas quando é possível, o plantão esportivo atualiza demais jogos que interessam na cobertura esportiva e o comentarista analisa os movimentos do primeiro tempo. Inclusive, é possível que haja a reprodução de gol se houver e a interatividade com quem está acompanhando a transmissão.

O encerramento da jornada esportiva é o quarto momento e repete os procedimentos do intervalo, conforme Ferraretto (2014), entrevistas de jogadores na saída de campo, informações do plantão sobre a situação dos clubes com o resultado da partida e a análise do comentarista, além da participação do ouvinte. A escolha do melhor jogador em campo também tem se tornado tradicional após o término da partida.

Barbeiro e Rangel (2006) descrevem a dinâmica de jornada esportiva que se consagrou no Brasil na transmissão do futebol.

Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo com informações de outros jogos e repórteres em outros estádios. O tom do trabalho era bola rolando: o locutor perseguia a ação de forma incansável e muitas vezes se esquecia totalmente de fatos relevantes no estádio ou no campo (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 65).

Nessa rotina, o locutor descreve lance a lance todos os movimentos da partida sempre buscando pela bola. Nas jogadas mais perigosas próximas a cada meta, ele chama os repórteres que estão atrás de cada goleira para uma descrição mais detalhada do lance.

6 PANDEMIA DA COVID-19

Em 2020, a pandemia gerada pela COVID-19 impactou o mercado em nível mundial. Houve o fechamento em massa, inesperado e obrigatório, de empreendimentos. Inicialmente o cenário era de paralisação das atividades por apenas quinze dias, porém, a disseminação do vírus foi se mostrando cada vez mais duradoura, levantando questões profissionais/éticas no ambiente empresarial, já que no primeiro momento não se tinha muito acesso a informações e não havia real noção do cenário que iria ser enfrentado em escala global. A pandemia de Covid-19 trouxe problemas socioeconômicos para todo o mundo. Este capítulo irá contextualizar a pandemia e os reflexos ocasionados no futebol.

De acordo com Spadacio, Guimarães e Alves (2020, p. 62), a infecção respiratória é causada pelo vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (Sars-CoV-2). No entanto, o vírus não é relativamente novo, pois o mundo já vivenciou anteriormente duas epidemias de coronavírus (SARS e MERS), mas o que difere desta para as demais é a velocidade de contágio e a disseminação, bem como a severidade para a contenção. Tais características levaram a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar, em 11 de março de 2020, como pandemia a doença causada pelo novo coronavírus (BRASIL, 2020).

O primeiro caso de Covid-19 ocorreu em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, e se espalhou por todo o mundo, exceto na Antártida. Após o continente asiático, a Europa passou a ser o epicentro da doença. O Brasil confirmou o primeiro caso da infecção pelo novo coronavírus, no dia 26 de fevereiro de 2020. Era um homem de 61 anos, morador da cidade de São Paulo, que esteve na Itália, na região da Lombardia, a trabalho, sozinho, no período de 9 a 21 de fevereiro daquele ano. No dia 23 de fevereiro, ele apresentou sinais e sintomas compatíveis com a doença causada pelo novo coronavírus: febre, tosse seca, dor de garganta e coriza. Em 25 de fevereiro, ele procurou atendimento médico no Hospital Israelita Albert Einstein, que registrou então a notificação de caso suspeito. No atendimento, foram adotadas medidas preventivas para transmissão por gotículas, feita coleta de amostras e realizados testes para vírus respiratórios comuns e o exame específico para diagnóstico, conforme preconizado pela OMS (OPAS, 2020).

O Ministério da Saúde do Brasil, em 20 de março de 2020, com a portaria número 454, declarou em todo o território nacional, o estado de transmissão

comunitária do coronavírus e destacou algumas medidas para contenção de sua transmissibilidade como: isolamento domiciliar pelo período máximo de quatorze dias para a pessoa com sintomas respiratórios incluindo para seus familiares que residiam no mesmo endereço, ainda que estivessem assintomáticos, além de oportunizar manejo adequado dos casos leves na rede de atenção primária à saúde e dos casos graves na rede de urgência/emergência. De acordo com a portaria, eram considerados sintomas do novo coronavírus: tosse seca, dor de garganta ou dificuldade respiratória, acompanhada ou não de febre. Além dos sintomas, o isolamento também dependia de prescrição médica, razão pela qual pessoas com sintomas deviam procurar um médico para verificar o estado de saúde e confirmar a orientação (Brasil, 2021).

Com um cenário caótico e poucas informações sobre a Covid-19, muitos países abraçaram a ideia do *lock down*, ou seja, uma versão mais rígida do distanciamento social, como maneira para frear a contaminação. Já o governo brasileiro, adotou suas estratégias baseando-se nas primeiras medidas emergenciais ao sancionar a Lei nº 13.979/2020, que prevê providências imediatas para a saúde pública (BRASIL, 2020). Entretanto, como salienta Capone (2020), mesmo com as medidas, a propagação foi inevitável. O autor afirma que cada estado criou sua própria legislação para evitar o avanço do vírus.

Uma pesquisa feita pelo Sebrae, em abril de 2020, indicou que os pequenos negócios foram afetados com o período de isolamento, registrando queda de 88% do faturamento. Segundo a entidade, “um pequeno negócio tem caixa para aguentar apenas 23 dias fechado” e, quando se trata do segmento de beleza, esse número é ainda menor, 17 dias. Para a maior parte das organizações, a receita perdida nesse período pode representar uma perda permanente e exercer pressões em sua liquidez e nas fontes de capital de giro.

Quadro 1 - Impactos do Coronavírus nos pequenos negócios

Segmento	Impacto observado no Brasil, levando em consideração uma semana normal
Comércio varejista	Apresentou queda de 27%. Quando se trata do pequeno negócio registra queda de 69%. Contudo, o comércio eletrônico cresceu 3,6%.
Moda	Queda de 77%. Já o comércio eletrônico aumentou 15%.
Alimentos e bebidas	Queda de 66%.
Construção civil	Queda de 62%.
Beleza	Queda de 76%. As vendas online de perfumaria e cosméticos cresceram 3,7%.
Logística e transporte	Queda de 70%.
Oficinas e peças automotivas	Queda de 69%, número bem maior quando se compara com grandes empresas do segmento que registraram queda de 28%.
Saúde	Queda de 64%. O segmento de farmácias registrou de 15%.
Educação	Queda de 87%.
Turismo	Queda de 87%.
Artesanato	Queda de 70%.
Indústria de base tecnológica	Queda de 62%.
Pet shop e serviços veterinários	Queda de 51%
Economia criativa	Queda de 80%.

Fonte: Adaptado do Sebrae (2020). Pesquisa "O impacto do Coronavírus nos Pequenos negócios" realizada pelo Sebrae com mais de 6 mil empresários e em pesquisas de mercado.

De acordo com a Secretaria de Saúde do Brasil, mais de 32 milhões de casos de Covid-19 foram confirmados no país até a primeira quinzena de junho de 2022. Foram registradas mais de 668 mil mortes no país, conforme site oficial do governo brasileiro.

6.1. REFLEXOS DA COVID-19 NO FUTEBOL

Ferraretto e Morgado (2020) acreditam que é necessária a abordagem da Covid-19 pelos veículos de comunicação, mas entendem que é preciso destinar parte do espaço ou do tempo destinado para o entretenimento. Nesse ponto, encaixa-se o futebol na ligação com o rádio.

Assim como em outros setores da economia, a Covid-19 trouxe diversos impactos para o futebol. Dado este fato de caráter extraordinário e temporário em virtude da pandemia iminente, ficou a decreto dos Governos Estaduais o manejo de abertura ou fechamento dos estabelecimentos comerciais e afins durante o período de quarentena. Sendo assim, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por meio do Decreto Nº 55.154, publicado em abril de 2020, como medida para conter a disseminação e propagação da Covid-19, decidiu pelo fechamento obrigatório dos estabelecimentos, permitindo somente o funcionamento do ramo alimentar, medicamentoso e, claro, dos hospitais (RS, 2020). Diante das medidas tomadas em cunho federal e, também, estadual no Rio Grande do Sul, como o distanciamento social, o esporte, assim como as demais áreas, foi afetado. No caso do futebol, as competições a nível profissional e amador foram abruptamente interrompidas de forma temporária, bem como os treinamentos cancelados e a comunicação sendo possível apenas virtualmente.

Segundo Andrade (2021), com a paralisação dos campeonatos, logo de início os clubes já se depararam com a perda das receitas por bilheterias, uma das principais fontes. Além disso, houve também a redução dos valores pagos pelos patrocinadores, visto que eles também foram afetados pelo cenário.

Campos e Amaro (2020) ressaltam que, além da diminuição do investimento em patrocínios, muitos clubes brasileiros tiveram uma queda expressiva nos seus programas de sócio-torcedores, acarretando a diminuição de suas receitas. Além dos programas de sócios, Grafietti (2020) comenta que receitas oriundas de marketing e pay-per-view também caíram devido a diminuição do poder de consumo dos torcedores, decorrentes do impacto do coronavírus na economia.

Os principais campeonatos estaduais paralisaram no dia 15 de março de 2021, já sem a presença de público nos estádios brasileiros. A Confederação Brasileira de Futebol, junto com as Federações de cada estado, definiram um protocolo para o retorno do esporte no Brasil. Com os estádios fechados para

torcedores, o Gauchão retornou no dia 22 de julho.

Após isso, o restante da temporada de 2020 foi realizada sem torcedores nos estádios brasileiros. No começo de outubro de 2021, a CBF definiu o protocolo de retorno da torcida para acompanhar as competições no país. Primeiramente, dependendo da situação sanitária de cada estado.

Segundo o site Globoesporte.com, o primeiro jogo na pandemia com a presença de torcedores no Alfredo Jaconi foi entre Juventude e América-MG, no dia 09 de outubro daquele ano. Na oportunidade, as equipes empataram pelo placar de 1 a 1 pela 25ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A.

7 METODOLOGIA

Para analisar as jornadas esportivas da Rádio Caxias nos acessos consecutivos do Juventude e verificar de que forma a pandemia de Covid-19 trouxe adaptações e as mudanças percebidas nas transmissões, o método de pesquisa será a Análise de Conteúdo, proposto pela autora Laurence Bardin em sua obra Análise de Conteúdo (1997).

Este trabalho de conclusão de curso tem como caráter metodológico a pesquisa qualitativa. Segundo Bardin (2016), a pesquisa qualitativa é um procedimento mais intuitivo, mais adaptável a índices não previstos ou à evolução das hipóteses. Sua característica primordial é a inferência. De acordo com Gerhard e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos que não podem ser quantificados, buscando explicar o porquê das coisas com base na interpretação.

A terceira fase da análise de conteúdo, conforme Bardin (2000), corresponde à exploração dos resultados. Neste capítulo será realizado o tratamento dos resultados obtidos com base na interpretação dos dados, correspondentes aos capítulos anteriores. A partir disso, serão analisados as duas transmissões de futebol escolhidas como objetos de estudo deste trabalho, são elas:

Transmissão 1: partida de futebol entre Juventude e Imperatriz pelo jogo da volta das quartas de final da Série C de 2019;

Transmissão 2: partida de futebol entre Guarani e Juventude em jogo válido pela 38ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B de 2020.

Em virtude da extensão das transmissões, optou-se por analisar fragmentos, que serão descritos ao longo da observação através da decupagem. As transmissões de futebol, e também de outros esportes, englobam momentos anteriores, posteriores e durante as partidas. À vista disso escolheu-se analisar fragmentos correspondentes a gols, lances importantes e pós-jogo com entrevistas.

Sempre que houver a inserção de fragmentos da decupagem, os mesmos serão indicados pelo tempo correspondente à gravação. A fim de facilitar a leitura, segue uma lista com os principais símbolos que serão utilizados ao longo da análise.

- (H): símbolo utilizado para indicar hora;
- (‘): símbolo utilizado para indicar minuto;
- (“): símbolo utilizado para indicar segundo;
- (J): letra utilizada para indicar jogadores do Esporte Clube Juventude;
- (I): letra utilizada para indicar jogadores da Sociedade Imperatriz de Desportos;
- (G): letra utilizada para indicar jogadores do Guarani Futebol Clube.

7.1 MÉTODO

Segundo Bardin (1997), as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração no material e o tratamento dos resultados, interferência e a interpretação.

Para a autora (2011), o termo análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

7.1.1 Pré-análise

Para Bardin (1997), essa é a primeira etapa da organização da Análise de Conteúdo. Corresponde a um período de intuições, mas tem como objetivo sistematizar as ideias iniciais. Trata-se de um mecanismo que pode ser flexível, mas deve ser preciso. De acordo com a autora, é possível definir três missões nessa fase inicial: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 1997, p. 95).

Com o intuito de que aconteça essa organização, Bardin (1997) propõe a execução de cinco etapas não estruturadas. A leitura flutuante é a primeira delas, que "consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações" (p. 96). Na sequência aparece a escolha dos documentos que fornecerão as informações sobre o problema levantado ou selecionar o que foi coletado para a análise (a posteriori).

Constituir o corpus com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. É dessa forma que são definidos "o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos" (BARDIN, 1997, p. 96).

a) regra da exaustividade: todos os elementos que se enquadram no campo do corpus escolhido devem ser considerados, sem exceção. Complementa-se ao princípio da não-seletividade;

b) regra da representatividade: a amostra escolhida para análise deve representar o universo inicial como um todo. Dessa forma, os resultados obtidos aplicam-se para o restante;

c) regra da homogeneidade: os documentos retidos devem obedecer a critérios precisos e semelhantes, sem apresentar grande singularidade;

d) regra da pertinência: os documentos integrantes do corpus devem ser apropriados enquanto fontes de informação, para que possam cumprir com os objetivos da análise.

As hipóteses são formuladas na terceira fase, onde Bardin (1997) apresenta como afirmações provisórias a serem confirmadas pelo processo de análise. A quarta etapa é destinada à referenciação dos índices e a escolha destes, que pode ser influenciada pelas hipóteses da pesquisa, e a elaboração de indicadores, tendo em vista a organização sistemática dos índices. A última atividade é a preparação do material, que é a enumeração dos elementos a serem utilizados, organização e edição dos mesmos, quando necessário. Ao concluir a etapa, a Análise de Conteúdo pode seguir para a exploração do material.

7.1.2 Exploração do material

É a segunda fase na Análise de Conteúdo e, conseqüentemente, por se aprofundar, a mais longa. Segundo Bardin (1997), consiste na essência, em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras já formuladas.

7.1.2.1 Codificação

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, de forma que sua representação permita a análise. Bardin (1997) afirma que o processo depende de escolhas de recorte, de enumeração e de agregação.

A autora esclarece tipos de registros que podem ser utilizados para fins de recorte. A palavra, por exemplo, não tem definição precisa em linguística, mas para quem faz parte do uso de idioma corresponde a qualquer coisa. Além disso, o tema, o objetivo, o personagem, o acontecimento ou o documento também servem de parâmetro.

A enumeração complementa a escolha das unidades no processo de codificação, visto que refere-se ao modo de contagem das unidades de registro selecionadas. Bardin (1997) estabelece os seguintes tipos de enumeração:

a) presença (ou ausência): a presença ou ausência de elementos no texto pode ser um indicador de sentido, assim como sua ausência;

b) frequência: a análise de elementos por sua frequência se baseia no princípio de que a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição;

c) frequência ponderada: nessa modalidade, a aparição de determinados elementos tem mais importância que a de outros;

d) intensidade: avaliação da unidade de registro baseada na força semântica do verbo, tempo verbal empregado e uso de adjetivos;

e) direção: critério que segue a frequência ponderada, é uma avaliação de caráter qualitativo. Pode ser favorável, desfavorável ou neutra;

f) ordem: a ordem de aparição dos elementos pode atuar como índice. É complementada pela análise do encadeamento das unidades de registro.

g) concorrência: é a presença simultânea de dois ou mais elementos em um mesmo contexto. Considera sua distribuição e associação entre eles.

7.1.2.2 Categorização

A categorização do corpus é considerada por Bardin (1997) como um processo estruturalista que ocorre em duas etapas: o inventário, que consiste na separação dos elementos e a classificação, que reagrupa os elementos de acordo com as similaridades entre eles. Um bom conjunto de categorias deve atender as seguintes qualidades:

a) exclusão mútua: um mesmo elemento não pode pertencer a mais de uma categoria, o que é um indicativo de clareza na escolha do critério;

b) homogeneidade: um único princípio de utilização deve ser considerado na construção de cada categoria;

c) pertinência: o sistema de categorias estabelecido deve se relacionar com o processo de investigação e com o conteúdo em questão, sendo assim, relevante para o trabalho do analista;

d) objetividade e fidelidade: a codificação dos materiais deve ser realizada a partir dos mesmos parâmetros, sem distorções derivadas da subjetividade do conteúdo. Tal fato depende da precisão na elaboração dos índices que classificam cada elemento;

e) produtividade: um conjunto é considerado produtivo ao permitir a obtenção de resultados claros.

7.1.3 Tratamento dos resultados, inferência e interpretação

Bardin (1997) afirma que nessa etapa é possível elaborar quadros, diagramas, figuras e modelos que facilitem a apresentação dos dados alcançados. Para a autora, os resultados já tratados permitem ao analista propor inferências e a interpretação dos mesmos.

Segundo Bardin (1977, p. 133), a inferência poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”. Em ambos os casos, a Análise de Conteúdo contribui para o desenvolvimento de um raciocínio baseado na indução a partir dos elementos.

8 ANÁLISES DE TRANSMISSÕES DA RÁDIO CAXIAS

As jornadas esportivas escolhidas para análise envolvem o Esporte Clube Juventude. É possível perceber as definições de transmissões esportivas estabelecidas por Luiz Artur Ferraretto (2001), Heródoto Barbeiro (2006), Patrícia Rangel (2006), Paulo Vinícius Coelho (2004), Paul Chantler (1998), Sim Harris (1998) e Edileuza Soares (1994), que foram apresentadas no Capítulo 5.

A primeira transmissão foi realizada no dia 09 de setembro de 2019. Na oportunidade, a equipe venceu o Imperatriz pelo placar de 4 a 0 e conquistou o acesso para a Série B do Campeonato Brasileiro, com 18.413 torcedores presentes no Estádio Alfredo Jaconi.

Já a segunda transmissão foi realizada no dia 29 de janeiro de 2021, quando o Juventude venceu o Guarani pelo placar de 1 a 0 em Campinas. Com o resultado, o Alverde conquistou o acesso para a elite do futebol brasileiro. O estádio Brinco de Ouro estava sem público devido aos protocolos estabelecidos pela pandemia da Covid-19. Foi a primeira vez em 109 anos que o Juventude conquistou acessos nacionais em sequência.

8.1. JUVENTUDE X IMPERATRIZ

Esporte Clube Juventude e Sociedade Imperatriz de Desportos se enfrentaram no dia 09 de setembro de 2019, no Estádio Alfredo Jaconi, em Caxias do Sul. A partida era válida pelo jogo de volta das quartas de final do Campeonato Brasileiro da Série C. Na ida, as equipes empataram em 0 a 0 no interior do Maranhão, ou seja, quem vencesse o segundo jogo conquistaria o acesso para a Série B e, conseqüentemente, a oportunidade de disputar as semifinais da terceira divisão nacional.

A jornada esportiva da Rádio Caxias tem, na íntegra, duas horas, 44 minutos e 29 segundos. A equipe na cabine contava com o narrador Gilberto Júnior e o comentarista Rafael Baungarten, ao lado do técnico de externas Rodrigo de Oliveira. Os repórteres de campo eram Bruno Mucke e Rafael Zanol. No estúdio da emissora estava o plantão esportivo Bruno Caldart com o produtor Matheus Maciel.

A transmissão inicia com uma ambientação do narrador Gilberto Júnior em relação ao jogo.

01'15" a 01'29": Gilberto Júnior (narrador): "09 de setembro de 2019, uma noite importante na vida do Juventude. Hoje se decide o futuro do Verdão nesta Série C e o sonho dourado estará em jogo".

Na sequência, o narrador amplia as dificuldades da partida e as pretensões do Juventude em seu discurso de abertura da transmissão.

01'38" a 02'05": Gilberto Júnior: "O Juventude está há 90 minutos de atingir o objetivo da fase semifinal, que por tabela lhe dará o acesso ao Campeonato Brasileiro da Série B de 2020. O Verdão preencheu todos os requisitos para subir. Corrigiu os erros do ano passado, se reorganizou e trouxe de volta grandes jogadores para comandar as ações."

Em seu texto de início de transmissão, o narrador reforça a massiva presença de público no Estádio Alfredo Jaconi.

02'44" a 03'05": Gilberto Júnior: "[...] é chegado o momento de decisão. O Alfredo Jaconi começa a receber um grande público. Dos mais velhos aos mais jovens que aqui chegam. Todos têm em comum, além do verde e branco que os unem, um sentimento incontido de dor embalado pela esperança de vencer e faturar o acesso."

Conforme Ferraretto (2014), a transmissão segue os passos de abertura. Nesse momento da jornada, é feita a citação dos patrocinadores, os repórteres trazem os principais destaques e escalões das equipes e arbitragem e o plantão traz informações adicionais, como o histórico dos confrontos e outros jogos que estão sendo disputados. A produção desses conteúdos expressou um cuidado em demonstrar imparcialidade nas informações elencadas. Em sua primeira fala, o comentarista Rafael Baungarten enfatiza a relevância da partida.

13'29" a 14'03": Rafael Baungarten (comentarista): "Jogo grande no Jaconi. Jogo grande no Estado. Jogo grande no futebol brasileiro, porque é sim decisão. [...]"

Náutico, Sampaio Corrêa, Confiança e falta o Juventude se juntar aos clubes privilegiados que conquistaram o acesso. Para isso vai contar com o apoio, certamente, de mais de 18 mil jaconeros. A festa está bonita no Jaconi.”

Com a bola rolando é o narrador que assume o protagonismo da transmissão. Logo nos primeiros instantes de narração observa-se que o narrador procura deixar explícito quem está com a posse de bola.

29’39” a 29’47”: Gilberto Júnior: “Apita o árbitro e o jogo começou. Bola com o Juventude.”

Durante a narração de um evento esportivo, o narrador, como destaca Barbeiro e Rangel (2006), além de descrever o que está acontecendo dentro das quatro linhas, expõe, relata, observa e comunica as ações do jogo. Os autores destacam que é preciso manter um distanciamento crítico, sem deixar transparecer o entusiasmo por uma das equipes. No entanto, conforme Ferraretto (2014), é natural que a emissora transmita a partida pelo viés de seu ouvinte. A afirmação do autor justifica a postura de Gilberto Júnior, que deixa de lado o distanciamento crítico citado por Barbeiro e Rangel (2006) e narra com mais entusiasmo e emoção o gol do Juventude, como pode ser percebido na decupagem que descreve em sequência o lance logo aos três minutos de jogo.

33’26” a 34’09”: Gilberto Júnior: “Gol, sabe de quem? É Papo. Verde que te quero verde. Renato Cajá (J) cobrou e a bola foi direto para o canto baixo esquerdo de Jean (I), Aos três minutos e quarenta do primeiro tempo, o Juventude abre o placar e se aproxima da Série B. É noite de festa na fortaleza verde [...]”.

Essa identificação no momento do gol encaixa-se no que Salomão (2003) define como contratos de leitura no rádio. Os contratos de leitura estabelecem no ouvinte uma sensação de aproximação com o locutor e a emissora, que leva a um sentimento de pertencimento, identificação e reconhecimento.

34’24” a 34’54”: Bruno Mucke (repórter): “O sofrimento alviverde está acabando. Trezentos e quatro dias depois de ter sido rebaixado para Série C, o Ju

está voltando para a segunda divisão. Um clube que no último acesso calou 60 mil torcedores do Fortaleza. Em 99 fez mais de cem mil torcedores botafoguenses ficarem sem palavras no Maracanã. O Juventude gosta de muito público. Nesta noite, mais de 18 mil torcedores vibram.”

De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), a linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. Atualmente, está caracterizada de veículo para veículo. O gol, descrito pelo repórter anteriormente, tem o peso de trazer o contexto histórico para o ouvinte no momento de detalhar o lance.

O repórter faz rapel, escala montanhas, mergulha, desce corredeiras, luta, chora, sofre e vive até a última gota a emoção do esporte. Ele é tão protagonista quanto o atleta (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 55).

Na descrição do gol, é possível perceber que existe um movimento para evidenciar a presença massiva de torcedores na partida. Fica evidente também alguns elementos indiretos na construção do depoimento, como destacam Barbeiro e Rangel (2006, p.56).

46’07” a 46’59”: Gilberto Júnior: “Gol! Sabe de quem? É Papo. [...] o Juventude faz 2 a 0 aos 17 minutos. Gol com cheiro de acesso.”

Conforme Ferraretto (2001), o narrador é o centro da transmissão esportiva, ou seja, é o responsável por mostrar o setor onde está a bola em disputa pelos jogadores. Já o repórter traz o detalhe para os ouvintes. Segundo o autor, a análise do jogo cabe ao comentarista, enquanto o plantão esportivo acrescenta informações complementares. Logo na sequência do segundo gol, o Juventude marcou o terceiro diante do Imperatriz.

47’40” a 48’39”: Gilberto Júnior: “Gol! Gol! Gol! Gol do Juventude Grande do Sul! É Papo! É Papo! Carlos Henrique. [...] o Juventude vai galopando no Cavalo de Aço (apelido do adversário em anexo) rumo à Série B.”

Durante a narração do terceiro gol é possível ouvir a vibração do torcedor no Estádio Alfredo Jaconi. A mecânica da jornada esportiva da Rádio Caxias em 2019

seguia a ordem no depoimento do gol: narrador, repórter, plantonista e comentarista. Segundo Ferraretto (2001), cada emissora tem sua maneira de estabelecer a entrada dos participantes da jornada. Após o 3 a 0, o plantonista esportivo, Bruno Caldart, trouxe a informação de que o acesso estava próximo de ser conquistado pelo Juventude.

49'57" a 50'21": Bruno Caldart (plantão esportivo): “[...] com esse 3 x 0, o Juventude para perder a vaga só se sofrer quatro gols no Alfredo Jaconi.”

Aos 20 minutos de jogo no primeiro tempo, o Juventude já estava vencendo por 3 x 0. Com o resultado, a transmissão teve uma espécie de contagem regressiva para o acesso ser concretizado. Além de acrescentar estatísticas, o plantão esportivo trouxe a participação de ouvintes pelo *WhatsApp* da emissora durante o primeiro tempo.

54'03" a 54'15": Bruno Caldart: “Um alô então para todos lá em Bento Fernandes, na cidade natal de Dalberto (atacante do Juventude), é o recado do Marcos. E o Ivan acompanhando na Austrália.”

Um público expressivo, que acompanha e que participa das transmissões, ativamente, também é um fator que permite uma compreensão de toda a influência exercida pelo rádio sobre a sociedade. Prata (2008) já alertava para a necessidade de novos formatos de programação para proporcionar a interatividade entre audiência e veículos de comunicação.

O narrador chama o tempo e placar quatro vezes durante o primeiro tempo de Juventude 3 x 0 Imperatriz. Na reta final da primeira etapa há menção a festa feita pelos torcedores nas arquibancadas. O jogo é encerrado com aplausos dos jaconeros.

01H18'03" a 01H18'11": Gilberto Júnior: “Termina o primeiro tempo. Metade da tarefa foi cumprida. Juventude 3 x 0 Imperatriz.”

O narrador é informado que, pelos protocolos das quartas de final da Série C do Campeonato Brasileiro, os repórteres não podem fazer entrevistas no intervalo de

jogo. Conforme destaca Ferraretto (2001), o intervalo é comandado pelo narrador que chama destaque dos times e do comentarista. Na sequência, cita os patrocinadores e chama o plantão esportivo com recados de ouvintes e informações sobre as competições. Após essa sequência, o comentarista volta ao microfone para analisar o primeiro tempo e projetar a sequência da partida. De acordo com o autor, pouco antes do recomeço do jogo, os repórteres são acionados para informar se houve alterações nas equipes.

01H32'13" a 01H18'22": Gilberto Júnior: "Rodolpho Toski Marques apita e a bola rola para o segundo tempo de Juventude e Imperatriz."

Menos movimentado que o primeiro tempo, a segunda etapa é marcada por mais um gol do Juventude. Renato Cajá marcou seu terceiro gol na partida e garantiu o acesso Alverde para a Série B de 2020.

01H47'36" a 01H48'42": Gilberto Júnior: "Gol! Sabe de quem? É Papo! É de Renato Cajá, o dono da noite. O dono da festa. [...] o Verdão subiu."

Com 16 minutos do segundo tempo, o Juventude fechou o placar em 4 x 0. Renato Cajá marcou três vezes e Carlos Henrique fez o outro gol da equipe jaconera.

Rafael Zanol (repórter): "Para coroar a goleada do Juventude. Para ter certeza que a equipe Alverde ano que vem estará um nível acima no futebol nacional. Para coroar também a grande atuação de Renato Cajá (J), o terceiro dele na noite."

Já citado anteriormente no trabalho, a jornada esportiva de rádio trabalha com o emocional e o imaginário dos ouvintes. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), a emoção é a própria alma do esporte. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento andam juntos. Conforme os autores, alguns narradores são bons porque narram com o coração, mexendo com a emoção do torcedor. Dessa maneira, Gilberto Júnior fez seu discurso de acesso para o Juventude.

02H16'30" a 02H17'13": Gilberto Júnior: “[...] as coisas começam a entrar nos eixos. O Juventude volta para a segunda divisão nacional. Volta a figurar entre os 40 principais clubes do Brasil. Esse é o clube de camisa. Esse é o clube que tem estrutura, estádio e torcida. Que tem 18 mil almas presentes festejando. Vejam essa massa que toma conta do Jaconi.”

Segundo Ferraretto (2001), a torcida encara o jogo de futebol como um momento festivo. A narrativa do evento esportivo também parte para essa ideia. Após o apito final e o discurso do narrador, é a hora dos repórteres ouvirem os personagens da partida. De acordo com o autor, é um momento de correria atrás dos atletas.

02H18'44" a 02H19'47": Bruno Mucke: “Acesso Alviverde e a festa aqui no Jaconi. Jonh Lennon (J) vai ser o primeiro a passar aqui. Esse acesso em casa para mais de 18 mil pessoas?”

Jonh Lennon (J): “Primeiramente agradecer a Deus. [...] esse acesso é para coroar. Esse ano começou com muitas dificuldades.”

A sequência de intervenções/falas dos repórteres nas entrevistas destaca outro importante ponto da cobertura esportiva: a cobertura diária. Como reforçado por Ferraretto (2014), a cobertura diária implica o conhecimento do cotidiano de clubes, atletas e entidades.

02H21'51" a 02H22'27": Rafael Zanol: “Marcelo Carné (J), [...] esse acesso para coroar a temporada?”

Marcelo Carné (J): “[...] a importância de devolver o Juventude. A gente foi recuperando o orgulho ao longo do tempo. Chegamos aqui sem ganhar no Jaconi e saímos com o Jaconi sendo nossa principal arma para conquistar o acesso.”

As entrevistas seguiram no gramado do Estádio Alfredo Jaconi. Torcedores, jogadores, membros da comissão técnica e funcionários comemoravam a conquista do acesso.

02H24'19" a 02H24'58": Bruno Mucke: "Tá aqui o cara do jogo: Renato Cajá. Cajá (J), três gols e uma partida para marcar tua vida também?"

Renato Cajá (J): "Nunca imaginava fazer esses gols aí. Só tenho que glorificar a Deus. Depois tenho que me apresentar ao presidente do Imperatriz. Falou que não me conhecia. Me conheceu depois desses três gols. [...] tem que respeitar o Juventude."

O lateral-esquerdo e capitão do Juventude na Série C, Eltinho, atendeu a reportagem visivelmente emocionado e festejando o momento da equipe.

02H25'08" a 02H25'28": Eltinho (J): "A conquista é de todo mundo. Tive alguns dias difíceis, mas valeu a pena. [...] os atletas e a torcida merecem. O Juventude está onde merece agora. Tomara que nunca mais saia. Vamos pensar mais pra frente. Quem sabe daqui uns dois ou três anos na Série A."

De acordo com Ferraretto (2001), o repórter esportivo é , na maioria dos casos, um setorista de determinado clube ou modalidade.

O jornalista tem, nesse campo, uma atuação ampla. Pode mostrar os preparativos para as grandes partidas, descrever o que se passa nas concentrações, os treinos (individuais ou coletivos), os atletas que deverão passar (passaram ou foram barrados) pelos exames médicos e as possíveis substituições ou modificações nos quadros (ERBOLATO, 1981, p.16).

Outra fala importante na comemoração do acesso do Juventude é do volante João Paulo. O jogador havia passado por desconfortos na semana da partida diante do Imperatriz e poderia ficar de fora.

02H38'28" a 02H38'49": João Paulo (J): "Tive uma lesão ontem. Eu não ia jogar, só que tomei algumas injeções. Pelo Juventude a gente faz tudo. Eu vim aqui pra ajudar. Graças a Deus conseguimos colocar o Juventude onde merece e vai estar ainda na Série A."

Conforme Barbeiro e Rangel (2006), todo jornalista esportivo precisa entender que as emoções são contagiosas. A emoção na transmissão de um evento esportivo

deve ser na medida certa. Na comemoração do acesso do Juventude, os repórteres entrevistaram 14 jogadores no gramado do Estádio Alfredo Jaconi e antes do encerramento da transmissão houve a escolha do craque da partida.

8.2 GUARANI 0 X 1 JUVENTUDE

Guarani Futebol Clube e Esporte Clube Juventude se enfrentaram no dia 29 de janeiro de 2021, no Estádio Brinco de Ouro, em Campinas. A partida era válida pela 38ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B de 2020.

A segunda divisão daquela temporada teve seu começo atrasado pela pandemia da Covid-19. O futebol brasileiro ficou paralisado por meses, como já foi destacado em capítulos anteriores. Pelos protocolos sanitários e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), as partidas da Série B de 2020 foram realizadas com portões fechados. Além disso, havia limite de profissionais credenciados para as transmissões. No máximo de três por emissora. No caso, dois de microfone e um técnico de externa.

O Juventude estava em quarto lugar na competição com 58 pontos. Na classificação estavam à sua frente Chapecoense, América-MG e Cuiabá, que já haviam conquistado o acesso. O Alviverde era o único time que dependia apenas de si para retornar à elite do futebol nacional. O quinto colocado era o CSA com 57 pontos, que enfrentava o Náutico fora de casa e torcia para que o Juventude não vencesse sua partida. Outra equipe que tinha chance de subir era o Avaí, que jogava diante do América-MG, em Belo Horizonte. Com 55 pontos, o clube catarinense precisava vencer e dependia de derrotas de Juventude e CSA.

A jornada esportiva da Rádio Caxias teve, na íntegra, duas horas, 54 minutos e 56 segundos. A transmissão contou com o narrador Gilberto Júnior e o repórter Bruno Mucke em Campinas. Ambos na cabine do estádio, pois pelo protocolo da CBF, o repórter não podia acessar o gramado.

No estúdio principal da emissora, em Caxias do Sul, estava o comentarista Rafael Baungarten e Rafael Zanol, que ancorava a transmissão pré e pós-jogo. O produtor Matheus Maciel também estava na sede. O plantão Bruno Caldart estava em home office e participava por *whereby*, site que proporciona acesso de imagem e áudio de quem está acessando. No estúdio B da Rádio Caxias, estava Daniel Félix para acompanhar Náutico x CSA. Na redação, estava Cristiano Gauer fazendo

cobertura de América-MG x Avaí. Os trabalhos técnicos de Anderson Alves e Rodrigo de Oliveira.

Em seu discurso de abertura, o narrador inicia a jornada esportiva reforçando a importância da partida.

01'07" a 01'55": Gilberto Júnior (narrador): "Amigos do Brasil, sejam todos bem-vindos ao futebol da Caxias. [...] o Juventude pode hoje retornar a elite do futebol depois de 13 anos."

Segundo Ferraretto (2001), o trabalho jornalístico começa com base em um roteiro previamente elaborado. Após isso, segue o rumo dos acontecimentos. O narrador apresenta os patrocinadores e chama os envolvidos na transmissão com seus destaques. O repórter traz as informações iniciais de Juventude e Guarani, o comentarista destaca um trecho do que irá se aprofundar na sequência e o plantão apresenta os dados estatísticos.

04'58" a 05'13": Bruno Mucke (repórter): "O jogo mais importante dos últimos anos para o Verdão. Ju está confirmado com três mudanças. Luis Carlos, Eltinho e Capixaba são as novidades para encarar o Bugre (**apelido do Guarani**)".

05'48" a 05'58": Rafael Baungarten (comentarista): "É a busca do acesso à elite do futebol brasileiro. A competição está convidando o Juventude e o Juventude tem que aceitar, Gilberto Júnior."

07'56" a 08'16": Bruno Caldart (plantão esportivo): "Última rodada com briga pelo acesso e também pelo título. [...] o Juventude ainda pode terminar a Série B na terceira colocação na tabela."

Em meio as informações iniciais da partida entre Guarani x Juventude, também são abordados destaques que envolvem Náutico x CSA e América-MG x Avaí, jogos que interessavam ao clube caxiense. Na sequência, o narrador prossegue com o roteiro de abertura de jornada esportiva, descrito por Ferraretto (2001, p. 324): uma ambiental do jogo descrito pelo narrador; repórteres informam a escalação dos times, o trio de arbitragem e outras informações básicas da partida; o comentarista analisa a situação dos dois clubes que vão se enfrentar, fazendo uma

projeção de como o jogo poderá se desenvolver; o plantão traz informações adicionais como o retrospecto dos dois times, sua situação no campeonato etc.; as reportagens são liberadas.

Com todas as informações apresentadas, o narrador solicita a participação dos ouvintes pelas redes sociais da Rádio Caxias. Sem poder acessar a beira do campo antes da partida devido aos protocolos sanitários estabelecidos pela Confederação Brasileira de Futebol, a entrevista pré-jogo do técnico é feita com o auxílio da televisão que também transmitia a partida.

25'12" a 25'19": Gilberto Júnior: "A equipe de TV já está com o Pintado."

O repórter chama a entrevista do técnico do Juventude com o auxílio do Premiere, canal de TV que transmitia o jogo.

Bruno Mucke: "Pintado, técnico do Juventude, sobre a decisão."

Após a participação do repórter, a entrevista com o treinador do Juventude é reproduzida pela Rádio Caxias. Os componentes da jornada enfatizam que a manifestação de Pintado (J) é com o auxílio da emissora que detém os direitos de televisionamento.

Como havia envolvimento direto, por decisão da CBF, as três partidas precisavam começar ao mesmo tempo. Com esse fator, o início do jogo entre Guarani x Juventude, marcado para às 21h30, sofreu um pequeno atraso e começou às 21h32.

33'30" a 33'36": Gilberto Júnior; "Tudo pronto. Apita o árbitro. Saída para o Guarani de Campinas."

Segundos depois, os repórteres que estavam acompanhando as demais partidas que interessavam ao Juventude avisaram na transmissão sobre o começo dos duelos.

33'56" a 34'17": Cristiano Gauer (repórter): "Começou no Estádio Independência. América Mineiro e Avaí, zero a zero."

Daniel Félix (repórter): "Começou agora, Gilberto Júnior. Start para Náutico e CSA com 20 segundos de bola rolando e zero a zero."

De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), a transmissão esportiva é um programa que sai do estúdio para o estádio. Os autores destacam que a intenção é a mesma de fazer jornalismo esportivo. A jornada esportiva prossegue com o narrador sendo o centro da transmissão (FERRARETTO).

Com o passar dos minutos, as movimentações começam a acontecer em outros jogos.

40'53" a 41'03": Cristiano Gauer: "Gol do América. Aos sete minutos da primeira etapa. [...] América um, Avaí zero."

Após a informação de gol no jogo em Belo Horizonte, o plantão esportivo traz detalhes sobre o resultado. Barbeiro e Rangel (2001) reforçam que a participação do plantão tem que ser breve para não cansar o ouvinte com resultados intermináveis e notícias irrelevantes.

Segundo Ferraretto (2001), o narrador mostra todo o gramado, concentrando-se no setor onde a bola está em disputa pelos jogadores. Quando necessário fornece uma panorâmica do estádio. O autor detalha a função dos demais componentes da jornada esportiva.

"O repórter faz o close sobre o lance, detalhando-o para o ouvinte. A análise do jogo cabe ao comentarista. Já o plantão traz informações complementares. Tudo gira em torno da necessidade de fornecer ao ouvinte uma visão imaginária da partida" (FERRARETTO, 2001, p. 325).

O repórter Cristiano Gauer traz a informação de mais um gol do América. Com o resultado, o Avaí ia se afastando da disputa pelo acesso. O plantão esportivo detalha o resultado, conforme Ferraretto (2001), situando o ouvinte.

56'54" a 57'07": Bruno Caldart: "Com esse resultado, o Avaí dá adeus para qualquer chance de acesso. [...] o Juventude vai ficando na quarta colocação com 59. Agora a briga é com o CSA."

acompanhamento proporciona embasamento para que se fale com maior precisão, conforme o autor.

Durante o primeiro tempo, o narrador chama o tempo e placar quatro vezes. Antes de acabar a primeira etapa, o Náutico abre o placar diante do CSA. Gilberto Júnior convoca os torcedores para participar da transmissão. Com o estádio vazio em Campinas pela pandemia da Covid-19, o narrador solicita que o operador de áudio da Rádio Caxias, Anderson Alves, aumente o volume da gravação da torcida do Juventude.

01H17'45" a 01H17'59": Gilberto Júnior: "Volume no povo jaconero. A papada não podia ficar longe dessa de forma alguma."

O primeiro tempo terminou com a vantagem Alviverde. O intervalo de jogo tem participação dos repórteres para contar sobre a primeira parte de América-MG x Avaí e Náutico x CSA. O plantão esportivo contextualiza os resultados, a classificação e traz a participação dos ouvintes. Já o comentarista faz a análise do jogo.

Prestes a iniciar o segundo tempo, os jogos recomeçam ao mesmo tempo.

01H35'38" a 01H36'56": Daniel Félix: "Começou o segundo tempo no Estádio dos Aflitos, em Recife. Seis segundos do segundo tempo, um para o Náutico e zero para o CSA."

Gilberto Júnior: "Bola rolando ouvintes do Brasil."

Cristiano Gauer: "Começou no Estádio Independência. Trinta segundos da segunda etapa. O América Mineiro vai fazendo dois a zero para cima do Avaí, se consagrando o campeão da Série B do Campeonato Brasileiro."

No segundo tempo, o tempo e o placar foi acionado quatro vezes. Os jogos em paralelo tiveram gols. O CSA buscou o empate em um a um diante do Náutico, em Recife. Já em Belo Horizonte, o Avaí descontou para dois a um contra o América-MG.

Durante a narração foi possível verificar que a emissora buscou constantemente a identificação com a equipe de Caxias do Sul. Além dessa postura reforçar os contratos de leitura abordados por Salomão (2003), ela demonstra uma

valorização pelo regionalismo no rádio, que tem como característica apostar na programação local, neste caso o futebol local, como base para sua audiência (JAVORSKI, 2017).

02H24'03" a 02H25'53": Gilberto Júnior: “Falta um minuto para o Juventude subir. Um minuto para voltar para a elite. [...] 49 minutos. Pode tocar o hino. Pode tocar o hino. Pode tocar o hino. Toca o hino que o Juventude está de volta. Termina o jogo! Jamais esqueça torcedor jaconero: tudo na vida ao seu tempo. Tudo ao seu tempo no seu lugar. E às vezes ‘num’ resgate físico. Às vezes naquelas formas que só o tempo nos explica. O Juventude volta fazendo uma regressão no local que foi um símbolo. Em 2009, nesse estádio, o Verdão caiu para a Série C. Hoje, aqui no Brinco de Ouro, o Juventude sobe para a Série A.”

Conforme Peruzzo (2005), presume-se que o jornalismo local retrate a realidade local trabalhando com informação de proximidade. A descrição do discurso do acesso reforça conceitos discutidos anteriormente em relação ao sentimento de identificação, apresentados por Salomão (2003). A Rádio Caxias, ao explorar a informação de proximidade, com uma transmissão identificada de futebol, fortalece esse contexto, que ainda de acordo com Peruzzo (2005, p. 78), é propício, uma vez que “as pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal”.

02H29'37" a 02H30'11": Gilberto Júnior: “É como se fosse um título para todos nós. Eu quero cumprimentar cada colega que esteve e que está nesse microfone. A Rádio Caxias não mede esforços para estar junto com a dupla Ca-Ju (Caxias e Juventude). [...] esse acesso também é nosso. Nós também estamos no cenário do futebol nacional.”

02H31'43" a 02H32'55": Rafael Baungarten: “[...] é Série A. E nós sempre juntos com a dupla Ca-Ju. Especialmente com o Juventude. Lá da Série D. Entrei na rádio há dez anos atrás e é a primeira vez que vou estar junto com o Juventude na Série A. Já estive na Série D, na Série C, na B e agora, por muito merecimento e competência, o Juventude estará na Série A. E nós estaremos juntos.”

A Rádio Caxias é localizada na Rua Garibaldi, nº 789, no centro de Caxias do Sul. Com o acesso do Juventude, é possível ouvir foguetórios e buzinas na transmissão. Apesar do protocolo da CBF impedir, a Federação Paulista de Futebol liberou aos repórteres o acesso ao gramado após a partida. Assim, foi permitido que entrevistas acontecessem.

Na ambientação final da partida, durante o encerramento da Jornada Esportiva, o repórter focou em descrever a comemoração dos jogadores, comissão técnica e direção. As entrevistas realizadas com os jogadores e dirigentes do Juventude destacaram a emoção e importância da conquista, os sentimentos dos protagonistas do feito e a comemoração do grupo de atletas.

02H36'02" a 02H42'15": Bruno Mucke: “Estou na beira do campo aqui. Osvaldo Pioner, Vice-Presidente de Futebol do Juventude. Em 2019, Pioner, tu chegou e falou: ‘o Juventude vai conquistar o acesso da Série C para a Série B, nós temos um planejamento e vamos subir para a Série A também’. [...] e o Juventude está de volta à elite do futebol nacional?”

Osvaldo Pioner (J): “É muita coisa boa nesses dois anos. Nós conseguimos atingir os objetivos. É muita emoção. É muita emoção. A cidade ‘tá’ em festa. A torcida ‘tá’ em festa.”

Bruno Mucke: “Eltinho, capitão da equipe. Tu viveu um 2018 ruim. Chegou no Juventude, estava parado e sem receber no Criciúma. [...] tem noção da história que está trilhando no Juventude, Eltinho?”

Eltinho (J): “Só vai cair depois. Só tenho que agradecer ao clube e a essa cidade. [...] quando a gente chegou em 2019, ninguém acreditava na gente. Ninguém nos conhecia.”

Bruno Mucke: “O presidente Walter Dal Zotto Júnior está por aqui também. Presidente, o senhor tem noção do que está Caxias do Sul nesse momento? [...] qual o tamanho desse acesso para o Esporte Clube Juventude?”

Walter Dal Zotto Júnior: “É difícil a gente mensurar isso agora, mas esse segundo acesso consecutivo é um sonho que se realiza. É o nosso torcedor, que a gente espera, que nos ‘recepione’ e ‘recepione’ esse grupo de atletas. [...] só tenho que agradecer a todos que passaram e contribuíram para o acesso durante toda essa campanha”.

De acordo com Ferraretto (2001), o encerramento da jornada segue no modelo de registro do repórter, análise do comentarista e complementos do plantão esportivo. Além das entrevistas detalhadas anteriormente, o presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Luciano Hocsmann, também foi entrevistado. Antes de finalizar a transmissão, a equipe escolhe o craque da partida e o narrador cita os patrocinadores chamando o pós-jogo com o gol que marcou o acesso do Juventude para a Série A.

8.3 PÓS-ANÁLISE DAS JORNADAS ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS

As duas jornadas esportivas analisadas seguem o padrão descrito por Ferraretto (2014). A mecânica da transmissão esportiva apresenta o modelo sugerido pelo autor, constituída pela abertura, o jogo em si, o intervalo e o encerramento.

Na abertura das transmissões observa-se que a ambientação inicial do jogo, realizada pelo narrador da partida, demonstra a identificação e a torcida por um bom jogo do Juventude. Em comum, as jornadas contam os últimos acessos do clube caxiense no futebol brasileiro. Porém, é possível perceber semelhanças e distinções, mesmo com o intervalo de um ano e quatro meses entre elas. Barbeiro e Rangel (2006) definem a maneira consagrada das transmissões de eventos esportivos no Brasil.

“A transmissão esportiva que se consagrou no Brasil foi a irradiação do futebol. Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo com informações de outros jogos e repórteres em outros estádios. O tom do trabalho era “bola rolando”: o locutor perseguia a ação de forma incansável e muitas vezes se esquecia totalmente de fatos relevantes no estádio ou no campo. O ouvinte percebia que alguma coisa estava ocorrendo, mas ele só ouvia a descrição da bola.” (BARBEIRO; RANGEL, 2001, p.65)

A definição dos autores aponta para semelhanças nas jornadas esportivas da Rádio Caxias. Em Juventude 4 x 0 Imperatriz, os repórteres estão posicionados atrás dos gols e o comentarista ao lado do narrador na cabine. Já em Guarani 0 x 1 Juventude, sem poder estar atrás da baliza, o repórter está na cabine e os demais repórteres acompanham outros jogos que interessam diretamente ao clube caxiense, enquanto o comentarista está no estúdio da emissora e o plantão esportivo participa diretamente de sua casa, ou seja, em *home office*.

De acordo com Ferraretto e Morgado (2020), existem quatro campos para enfrentar a crise da Covid-19 na comunicação: do jornalismo, da publicidade, das relações públicas e do entretenimento.

- 1) Do jornalismo, no qual, mais do que nunca, é preciso diferenciar sempre a notícia ou o serviço informado do que é opinião e interpretação a respeito desses;
- 2) Da publicidade, de onde vem a sustentação econômica dos veículos, e o da propaganda, através de qual ocorre a necessária e imprescindível divulgação pública das ações do governo e de instituições envolvidas no combate direto à pandemia;
- 3) Das relações públicas, interrelacionado com as ações de divulgação jornalística e propaganda, mas focado na valorização institucional das várias instâncias do processo e de seus protagonistas;
- 4) Do entretenimento, essencial durante o confinamento (distanciamento social, isolamento, quarentena ou contenção comunitária/quarentena comunitária), quando se faz necessário manter o ânimo e a concentração nas medidas de segurança sanitária recomendadas pela Organização Mundial da Saúde.

Segundo Ferraretto e Morgado (2020), existem quatro valores centrais que precisam ser trabalhados dentro dos veículos de comunicação: flexibilidade, responsabilidade, parceria e coragem. A flexibilidade é a ideia que percebe-se na jornada esportiva. Conforme os autores, remete-se a adaptação fácil a novos cenários, sem abandonar aquilo que é essencial. Assim, encaixa-se a participação do plantão esportivo na transmissão esportiva de Guarani e Juventude. O profissional está trabalhando de casa utilizando a internet ao seu favor para entrar no ar e levar as informações e participações de ouvintes na jornada esportiva.

Conforme Soares (1994), é possível perceber nas transmissões as escolas de narração. A autora transforma em duas escolas: a denotativa e conotativa. A denotativa trabalha a emoção na voz e na descrição do lance. Já a conotativa, abusa de figuras de linguagem, gírias, metáforas, slogans e chavões. O narrador Gilberto Júnior utiliza bordões em gols do Juventude, traz metáforas nos discursos dos acessos e une as escolas ao utilizar sua emoção. Além do improviso e do jogo de cintura, Ferraretto (2001) afirma que é necessário se especializar no esporte. Conforme o autor “a cobertura esportiva é a área da atividade radiofônica em que a

capacidade de observação e a habilidade de comunicação são mais necessárias ao profissional.” (FERRARETTO, 2001, p.331)

De acordo com Ferraretto e Morgado (2020), a pandemia da Covid-19 colocou desafios semelhantes ao estar em uma guerra ou aos da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. Segundo os autores, isso afeta um dos cânones da profissão em estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possíveis. Dessa maneira, percebe-se o impacto que o afastamento do repórter do gramado pelo protocolos da CBF trouxe para a transmissão esportiva de Guarani x Juventude.

Ao longo das análises individuais, verificou-se que os profissionais da Rádio Caxias buscaram evidenciar a identificação com as equipes da cidade. A estratégia se relaciona com os contratos de leitura, abordados por Salomão (2003). Os contratos, segundo o autor, proporcionam ao ouvinte uma sensação de aproximação, pertencimento e reconhecimento por parte da emissora.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho, com o tema “As mudanças de uma jornada esportiva de futebol em tempos de pandemia”, iniciou-se pelo desejo do pesquisador em unir três de suas grandes paixões: o Jornalismo, um amor antigo pela arte de informar; o Rádio, um velho companheiro de todas as horas; e o Futebol, uma forma de praticar esporte. Além disso, a associação de um fato novo que causou impacto no mundo inteiro. A partir disso, foi feita análises de transmissões esportivas dos acessos do Juventude da Série C para a Série B e da Série B para a Série A do Campeonato Brasileiro pelo viés da Rádio Caxias, a fim de compreender se houve mudanças causas pela pandemia da Covid-19 e entender as principais alterações das jornadas esportivas.

Nesse sentido, com o começo da pesquisa, notou-se a importância de estudar, não somente o jornalismo esportivo, mas também a história e a consolidação da relação entre rádio e futebol no Brasil. Diante disso, estipulou-se como metodologia de pesquisa a Análise de Conteúdo, proposta pela autora Laurence Bardin em sua obra *Análise de Conteúdo* (1997), que a caracteriza como um conjunto de mecanismos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados. Tal método, por conseguinte, foi essencial para responder a questão norteadora desta pesquisa: *Quais as principais mudanças que o contexto de pandemia da Covid-19 provocou nas jornadas esportivas da Rádio Caxias?*

A primeira afirmava que *as transmissões não sofreram alterações, pois o modo de fazer rádio e jornadas esportivas segue o mesmo padrão com o passar dos anos*, não se confirma. Essa hipótese não procede, pois segundo Jenkins (2009), o rádio, nas últimas décadas, inevitavelmente, seguiu o caminho da convergência. O meio de comunicação tornou-se expandido com a migração para diferentes plataformas e na releitura por elementos tal qual o podcast, conforme destacou Kschinhevsky (2012). Assim, se com avanços tecnológicos houve mudanças, devido a pandemia da Covid-19 também trouxe alterações na maneira de fazer rádio. Foi possível perceber, por exemplo, maior participação de repórteres de suas casas. Inclusive, na jornada esportiva de Guarani x Juventude com o plantão esportivo Bruno Caldart trabalhado em home office.

Outra hipótese falava que *as mudanças que aconteceram nas jornadas esportivas foram principalmente oriundas da pandemia devido às exigências sanitárias*. Essa afirmativa, bem como a anterior, também não procede. A única mudança oriunda pelas normas sanitárias da Covid-19 foi a ausência do repórter no campo e a limitação de credenciados em estádios, ou seja, o impacto dessas mudanças não abalou o andamento da transmissão esportiva.

A terceira e última hipótese dizia que *a evolução tecnológica permitiu transformações nas transmissões radiofônicas e proporcionou novos conceitos na realização das jornadas esportivas da Rádio Caxias*. Podemos considerá-la meio assertiva, pois o avanço tecnológico permitiu que a emissora expandisse sua transmissão, além do alcance da antena e dos aplicativos, a live no *Facebook* trouxe imagem dos bastidores da cabine de imprensa do jogo entre Guarani x Juventude. Principalmente, para observar detalhes da transmissão esportiva que anteriormente

ficava apenas no imaginário de quem ouvia. Outra alteração percebida é que a jornada esportiva alterou sua abertura, agora tendo destaques para todos os participantes antes de esmiuçar as informações e as análises. Além disso, outra mudança sentida é no momento do gol. Na transmissão de Juventude x Imperatriz, a ordem era narrador, repórter, plantão esportivo e por fim comentarista. Na jornada de Guarani 0 x 1 Juventude, a ordem segue o padrão estabelecido por Ferraretto (2001): narração do lance; observações do repórter postado atrás da goleira ou o que estiver mais próximo desta; a análise do comentarista; e a intervenção do plantão com informações quantitativas sobre o gol e quem marcou. (FERRARETTO, 2001, p. 325)

Em relação aos objetivos, foi definido como principal, *analisar as coberturas esportivas da Rádio Caxias nos acessos do Juventude da Série C até a Série A do Campeonato Brasileiro no período de dois anos, para verificar os impactos que a pandemia trouxe na emissora e as diferenças no processo de transmissão com o passar do tempo*. Para isso, foram analisadas duas jornadas esportivas no intervalo menor de dois anos. Esse objetivo foi alcançado, pois através dela verificou-se algumas alterações nas jornadas.

Referente aos objetivos específicos, o primeiro deles buscou entender as evoluções nas jornadas esportivas de futebol. Esse objetivo foi alcançado pela pesquisa apresentada no quinto capítulo, que abordou as transmissões esportivas de futebol em rádio. O segundo objetivo tinha a finalidade de compreender quais foram os impactos da pandemia em transmissões de esporte na Rádio Caxias. Durante a monografia foi possível encontrar a resposta na análise aprofundada.

Outro objetivo específico buscou conhecer melhor novas tecnologias para explorá-las com o intuito de se aproximar dos ouvintes. Isso também foi permitido pela análise e contexto da pandemia, pois com a necessidade de isolamento surgiram novas ferramentas e necessidades, como destacado por Ferraretto e Morgado (2020). Por exemplo, na jornada esportiva de Guarani e Juventude, o plantão esportivo participou pelo *Whereby*, enviando imagem e som. Já a equipe que estava em Campinas enviou apenas a imagem em tempo real para colocar na *live*.

O quarto objetivo buscou proporcionar reflexões sobre os modos de transmissões esportivas. Objetivo alcançado também na abordagem do quinto capítulo da pesquisa, onde contextualiza a evolução da jornada de futebol em rádio.

O objetivo de reconhecer as transformações na linguagem da narração de futebol também foi alcançado, principalmente no capítulo três, na ligação do rádio com transmissões esportivas. Além disso, Soares (1994) colaborou com as análises das escolas de narração denotativa e conotativa.

O penúltimo objetivo buscou compreender melhor o trabalho de cada integrante de uma jornada esportiva. Objetivo alcançado e entendimento construído junto com os pensamentos de Ferraretto (2001) e Barbeiro e Rangel (2006). O último objetivo específico buscou contribuir para criação de nova interação entre torcedor/receptor e emissor da mensagem. Com a análise das jornadas foi possível entender esse objetivo, pois com a imagem de quem participa das transmissões instiga a uma participação maior de quem está acompanhando a transmissão a interagir.

O estudo desse tema foi estabelecido com base no interesse do pesquisador pelo jornalismo esportivo, pelo rádio e pelo futebol local. Após, pensou-se em um assunto que unisse esses três itens. A escolha pelo tema fez-se importante no momento em que se percebe que existem poucos estudos sobre os impactos causados pela pandemia no jornalismo esportivo. Para que a pesquisa fosse possível, desenvolveu-se um estudo bibliográfico e uma análise que oportunizou compreender aspectos históricos da Rádio Caxias e do radiojornalismo, com suas particularidades, contribuições e práticas; além de compreender mais sobre as consequências oriundas da Covid-19 no meio da comunicação esportiva. A análise e pesquisa bibliográfica proporcionaram ao pesquisador condições de responder à questão norteadora, confirmar as hipóteses e alcançar os objetivos estabelecidos, como abordado anteriormente.

Como futuro jornalista, o pesquisador percebeu que não se trata de um trabalho conclusivo, visto que a pandemia da Covid-19 segue afetando milhares de pessoas e novas visões podem surgir e desafios em relação ao tema. A monografia contribuiu para entender mais profundamente o elo entre veículos de imprensa, clubes de futebol e torcedores. A pesquisa bibliográfica possibilitou o estudo mais detalhado de temas que muitas vezes não há tempo hábil de serem estudados em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antônio. **Os impactos da Covid-19 no futebol brasileiro**. The360, 29 mar. 2021. Disponível em: <<https://the360.com.br/blog/207/os-impactos-da-covid-19-no-futebol-brasileiro>> Acesso em: 11 mai. 2022.

AVILÉS, José Alberto Garcia. **Métodos De Investigación Sobre Convergencia Periodística**. In: Seminário do Acordo de Cooperação Brasil-Espanha. FACOM/UFBA - 3 a 7 de dezembro de 2007.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual do radiojornalismo: produção, prática e Internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BIANCO, Nelia Del. **O Futuro do Rádio no Cenário da Convergência Frente às Incertezas Quanto aos Modelos de Transmissão Digital**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. Anais... São Paulo: INTERCOM, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Influência do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

BRUEL, Maria Rita. **Função social do esporte**. Motrivivência. Revista de educação física, esporte e lazer da Universidade Federal de Santa Catarina. 1989, p.108-111. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19978/18382>> Acesso em: 28 abr. 2022.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 2002.

CAMPOS, Ciro; AMARO, Guilherme. **Impacto da pandemia do coronavírus pode gerar lições para os clubes brasileiros**. Estadão, São Paulo, 25 dez. 2020. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,impacto-da-pandemia-do-coronavirus-pode-gerar-licoes-para-osclubes-brasileiros,70003562452>> Acesso em: 11 mai. 2022.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

CYRO, César. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora ULBRA, 2007.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **COVID- 19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Porto Alegre, NER, 2020.

GARDELIN, Mário; LUCENA, Fabiana de; MAGNABOSCO, Flora Júlia. **Rádio Caxias 50 anos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1996.

GIL, Maria Cristina. **Introducción al conocimiento y práctica de la radio**. México: Diana, 1994.

GOMES, Wilson da Silva. **Jornalismo fatos e interesses: ensaios de teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GRAFIETTI, Cesar. **Como a Covid-19 afeta o futebol brasileiro**. InfoMoney. 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/colunistas/cesar-grafietti/como-a-covid-19-afeta-o-futebol-brasileiro/>> Acesso em: 11 mai. 2022.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: Fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GURGEL, Anderson. **O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza, CE. Anais... São Paulo: Intercom, 2012

Haussen, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração**. São Paulo, Paulinas, 2004.

HERREROS, Mariano Cebrián. **La radio en la convergência multimedia**. España, Gedisa, 2001.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2007.

KIRST, Marcos Fernando. **Rádio Caxias 70 anos: voz e identidade**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2017.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 2002.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1994.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. *Revista USP*. Num 22, dez-fev 2002-2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prossa, 2012.

ROSA DOS GÊNEROS. Disponível em: <http://rosadosgeneros.blogspot.com>, Acesso em 13 abr. 2022

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergência de médios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.
KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações - Mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. Rio de Janeiro: Ed. Sulina, 2009.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARTORI, Carlo; GRAZZINI, Enrico. **O rádio, um veículo para todas as ocasiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora. A influência Americana sobre o Jornalismo Brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**. São Paulo: Summus, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SPADACIO, Cristiane; GUIMARÃES, Márcia; ALVES, Mello. **Nos entremeios: o biológico e o social no Brasil no contexto da COVID-19 e o papel da Atenção Primária à Saúde**. *apsemrevista.org*, [S. l.], p. 61–65, 2020. DOI: 10.14295/aps.v2i3.67. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/67>. Acesso em: 23 maio. 2022.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo.** São Paulo: Negócio Editora, 1997.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação das rádios públicas brasileiras.** Florianópolis: Insular, 2012.

APÊNDICE I - PROJETO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

BRUNO MUCKE ABREU

**AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA: ANÁLISE DAS JORNADAS
ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS**

Caxias do Sul
2021

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

BRUNO MUCKE ABREU

**AS MUDANÇAS CAUSADAS PELA PANDEMIA: ANÁLISE DAS JORNADAS
ESPORTIVAS DA RÁDIO CAXIAS**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Jacob Raul Hoffmann

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 TEMA

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

3 JUSTIFICATIVA

4 QUESTÃO NORTEADORA

5. HIPÓTESES

6. OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

7. METODOLOGIA

7.1 MÉTODO

7.1.1 Pré-Análise

7.1.2 Exploração do Material

7.1.2.1 Codificação

7.1.2.2 Categorização

7.1.3 Tratamento dos dados, inferência e interpretação

8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

8.1 JORNALISMO

8.2 JORNALISMO ESPORTIVO

8.3 RÁDIO E O ESPORTE

8.4 METODOLOGIA

9. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

10. CRONOGRAMA

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

O esporte mais disputado no mundo e com maior popularidade é o futebol. Em termos musicais já se ouviu que “bola na área não altera o placar”, como canta a banda Skank. Mesmo sendo universal, não é necessário ter o domínio das regras sobre o futebol, mas boa parte dos habitantes da Terra conhecem bem para que serve cada situação em uma partida.

No contexto histórico, não existe uma data específica para a criação do futebol. Uma das teorias é de que surgiu na Inglaterra em 1863, quando houve a profissionalização do esporte. Por lidar diretamente com a emoção, está caracterizado como a “paixão do povo brasileiro”. É por conta do esporte que muitas pessoas, de diferentes partes do mundo, conhecem culturas.

No seu começo, o futebol não teve a mídia e alcance que têm atualmente, principalmente quando se relaciona ao trabalho do jornalismo esportivo. O rádio possui grande participação para fomentar o esporte no Brasil. Há muitos anos esse meio de comunicação divulga e promove os mais variados tipos de eventos, tornando-se ainda mais importante quando se trata de futebol, onde as pessoas buscam no rádio informações e ouvem as transmissões ao vivo que o veículo realiza de maneira única, com suas características.

De acordo com Ribeiro (2007), logo quando chegou ao Brasil, Charles Miller - um dos “pais” do futebol - buscou junto a amigos a divulgação que o mesmo trazia na bagagem, em grandes jornais de São Paulo e da então capital, Rio de Janeiro. No entanto naquela época não era um esporte tão tradicional como hoje em dia e logo foi recusado pelos jornais da época.

Mesmo com pouco espaço, não podia ser negado o fato que o futebol era a diversão de imigrantes. No entanto, mesmo sem muita divulgação inicialmente, uma hora ou outra aquele esporte que começava a atrair tanta gente teria que ser divulgado em algum lugar. Ribeiro (2007, p. 23) explica:

Emplacar pautas relacionadas ao futebol naquele cenário de São Paulo era muito difícil. Mas fechar os olhos para o crescimento do futebol nas várzeas parecia um grave erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época.

As notícias sobre o esporte, até então pouco conhecido, estavam cada vez mais próximas de serem divulgadas com o apelo popular.

Rádio e futebol têm uma relação próxima desde o começo da trajetória do esporte no Brasil. Com o passar dos anos, as partidas sofreram alterações em algumas regras e acréscimo de inteligência virtual em suas competições esportivas. No meio de comunicação não foi diferente. O rádio recebeu maior tecnologia e equipamentos de última geração para transmitir eventos de qualquer lugar do mundo.

As transmissões de futebol no meio de comunicação seguem roteiro de abertura de jornada, mas com uma história diferente a cada apito ouvido em um estádio. O narrador esportivo se prepara para passar adiante a emoção aos ouvintes e comandar a participação de cada integrante. Porém, nem tudo vai como o planejado. São 90 minutos que, por vezes, fogem do comando de cada comunicador.

A Rádio Caxias está há mais de 75 anos no convívio da Serra Gaúcha. A emissora se firmou como um dos principais meios de comunicação de informação da região. Além de ter como um dos seus pilares o jornalismo, as transmissões esportivas também têm grande importância no contexto local por acompanhar diariamente Caxias e Juventude. No interior do Rio Grande do Sul é difícil encontrar uma rádio que esteja o tempo todo cobrindo os clubes de sua cidade.

Porém, o rádio precisou inovar com o passar das décadas. As mesmas jornadas que eram feitas no meio lá no começo dos anos 30 foram ficando ultrapassadas. Com a chegada da internet e o avanço das tecnologias, uma nova maneira foi criada. Entretanto, aquela máxima de que o rádio sabe se adaptar a qualquer situação é comprovada nos últimos anos, onde a pandemia impôs outra realidade para a comunicação e as emissoras conseguiram manter seus conteúdos com as barreiras impostas pela Covid-19.

A partir dessa constatação, acredita-se que seja necessário analisar as mudanças que as jornadas de futebol da Rádio Caxias passaram nos últimos anos. Principalmente nos acessos do Juventude da Série C para a B em 2019 e da B para a A em 2020.

Em 2019, o clube alviverde retornou para a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro tendo mais de 21 mil torcedores presentes no Estádio Alfredo Jaconi. O cenário na temporada seguinte foi diferente, em Campinas, no interior de São Paulo,

o Juventude conquistou o acesso para a elite nacional ao vencer o Guarani com o Estádio Brinco de Ouro vazio.

Neste contexto, a pesquisa vai explorar o Jornalismo em sua origem, permeando seus conceitos, e entendendo mais sobre a ligação entre rádio e seu jeito maleável nas transmissões esportivas. Com isso, será possível identificar as características e adaptações que a Rádio Caxias teve que passar recentemente, principalmente, pelo contexto da pandemia de Covid-19.

2 TEMA

As mudanças de uma jornada esportiva de futebol em tempos de pandemia.

2.1 Delimitação do tema

As mudanças ocorridas em uma jornada esportiva de futebol devido a pandemia do coronavírus a partir da análise das jornadas esportivas da Rádio Caxias dos acessos do Juventude para a Série B em 2020 e para a Série A em 2021.

3 JUSTIFICATIVA

Como admirador do rádio e de ouvir coberturas jornalísticas, esta pesquisa é motivada pela curiosidade de entender melhor as transmissões esportivas e perceber mudanças caracterizadas com o passar dos anos. Além disso, tem o intuito de compreender melhor as adaptações que a Rádio Caxias agregou nas suas jornadas pela pandemia de Covid-19.

A história do rádio no Brasil começou oficialmente em 1923, no dia 07 de setembro, com a transmissão da fala do presidente Epitácio Pessoa em comemoração ao centenário da Independência do país. No ano seguinte, as primeiras emissoras surgiram em solo tupiniquim. Desde então, o meio de comunicação está inserido no dia-a-dia do seu ouvinte com informações, prestação de serviços, companhia e paixão.

Entende-se a importância do rádio para quem lhe acompanha. Além de ser um companheiro para todas as horas, tem papel fundamental na consolidação de esportes no Brasil. Há estudos que indicam que também é educador. Essa relação proporcionada pelas ondas eletromagnéticas está diretamente ligada ao imaginário, já que é o meio que trabalha mais a audição do que a imagem e a leitura, apesar das evoluções recentes, ou seja, o ouvinte se aproxima do apresentador/repórter/locutor/narrador por reconhecer sua voz e gostar do trabalho exercido.

Fundada em 1946, a Rádio Caxias está há 75 anos no cotidiano da Serra Gaúcha com a função de ser o elo entre a comunidade e seus habitantes. A internet potencializou o fazer rádio e possibilitou que sua programação pudesse ser ouvida em qualquer lugar do mundo. A emissora tem como principal foco no âmbito esportivo acompanhar os clubes de Caxias do Sul: Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e Esporte Clube Juventude.

Nessas sete décadas e meia de trabalho, a Caxias já contou glórias da Dupla Ca-Ju, mas também já esteve no fundo do poço com os clubes. Além da relação futebol e rádio, a emissora nutre a proximidade e visa dias melhores para que suas transmissões sejam reconhecidas.

Os anos se passaram e as inovações trouxeram uma característica diferente à emissora. A tecnologia utilizada nos dias atuais não é a mesma da primeira jornada esportiva da Rádio Caxias. Hoje, tende a ser mais fácil pela capacidade de

aparelhos para realizar transmissões, internet e profissionais mais adaptados com o modo de fazer. O recorte deste trabalho tem como objetivo mostrar as diferenças percebidas nas transmissões no intervalo de dois anos, devido à pandemia causada pelo Coronavírus.

O futebol, por exemplo, tornou-se esporte de massa no país pela ligação com o meio de comunicação. Relatos apontam que a primeira transmissão de futebol no rádio foi em 1931, pela Rádio Educadora Paulista, onde o locutor Nicolau Tuma contou o duelo entre Seleção de São Paulo contra Seleção do Paraná. De lá para cá, é visível a quantidade de torcedores que mesmo em estádios não deixam de acompanhar as jornadas esportivas com seus radinhos de pilhas ou celulares.

De acordo com Ribeiro (2007, p. 89)

O rádio não fascinava apenas os profissionais que queriam praticar a arte do jornalismo. Jogadores e dirigentes sabiam que o novo veículo de comunicação seria um importante instrumento de divulgação de suas conquistas e realizações.

Em tempos normais, a transmissão de futebol em rádio não foge do modelo tradicional. Barbeiro e Rangel (2006, p.65) descrevem o processo:

A transmissão esportiva que se consagrou no Brasil foi a irradiação do futebol. Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo com informações de outros jogos e repórteres em outros estádios.

Até março de 2020, as transmissões de futebol no Brasil aconteciam assim, desde o menor ao maior campeonato. Porém, com a chegada da pandemia de Covid-19 novas normas foram criadas. O Coronavírus trouxe apreensão no mundo todo e paralisou as atividades por semanas. Algumas áreas tiveram seus trabalhos afetados por períodos maiores.

O futebol ficou paralisado por meses e a bola voltou a rolar sem a presença da imprensa nos estádios durante o Gauchão, por exemplo. Os torcedores também se afastaram das arquibancadas e o espetáculo perdeu alguns de seus elementos importantes.

Com o avanço das competições, os profissionais da imprensa foram liberados para retornar, mas respeitando novas normas e limite de credenciados por partidas. As cabines foram fechadas e o narrador montou seu local de transmissão nas cadeiras dos estádios em ambiente aberto. O repórter saiu do campo e começou a frequentar as arquibancadas. A movimentação tática das equipes foi notada pelos comentaristas via televisão ou internet. A pandemia de Coronavírus ensinou uma nova maneira de fazer jornadas esportivas ao rádio.

Todo esse ambiente criado em uma jornada esportiva em rádio é algo que encanta o autor. A transmissão de esporte no FM ou AM - que hoje em dia é encontrado em todo lugar pela internet - sempre foi algo fascinante. As coberturas jornalísticas são acompanhadas há muito tempo pelo pesquisador, que nunca deixou de ouvir Copas do Mundo e Jogos Olímpicos com o ouvido colado em radinhos.

A área é uma das mais desejadas pelos estudantes de jornalismo. O futebol é uma paixão nacional e lida com a emoção de milhões de pessoas por todo o mundo. O objetivo principal deste trabalho é unir dois motivadores da profissão escolhida pelo autor: o fazer Jornalismo com o Esporte.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Quais as principais mudanças que o contexto de pandemia da Covid-19 provocou nas jornadas esportivas da Rádio Caxias?

5 HIPÓTESES (quando houver)

1. As transmissões não sofreram alterações, pois o modo de fazer rádio e jornadas esportivas segue o mesmo padrão com o passar dos anos;
2. As mudanças que aconteceram nas jornadas esportivas foram principalmente oriundas da pandemia devido às exigências sanitárias;
3. A evolução tecnológica permitiu transformações nas transmissões radiofônicas e proporcionou novos conceitos na realização das jornadas esportivas da Rádio Caxias.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Analisar as coberturas esportivas da Rádio Caxias nos acessos do Juventude da Série C até a Série A do Campeonato Brasileiro no período de dois anos, para verificar os impactos que a pandemia trouxe na emissora e as diferenças no processo de transmissão com o passar do tempo.

6.2 Objetivos específicos

1. Entender as evoluções nas jornadas esportivas de futebol;
2. Compreender quais foram os impactos da pandemia em transmissões de esporte na Rádio Caxias;
3. Conhecer melhor novas tecnologias para explorá-las com o intuito de se aproximar dos ouvintes;
4. Proporcionar reflexões sobre os modos de transmissões esportivas;
5. Reconhecer as transformações na linguagem da narração de futebol;
6. Compreender melhor o trabalho de cada integrante de uma jornada esportiva;
7. Contribuir para criação de nova interação entre torcedor/receptor e emissor da mensagem.

7 METODOLOGIA

Para analisar as jornadas esportivas da Rádio Caxias nos acessos consecutivos do Juventude e verificar de que forma a pandemia de Covid-19 trouxe novas maneiras de fazer as transmissões, o método de pesquisa será a Análise de Conteúdo, proposto pela autora Laurence Bardin em sua obra Análise de Conteúdo (1997).

7.1 MÉTODO

Segundo Bardin (1997), as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração no material e o tratamento dos resultados, interferência e a interpretação.

Para a autora (2011), o termo análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

7.1.1 PRÉ-ANÁLISE

Para Bardin (1997), essa é a primeira etapa da organização da Análise de Conteúdo. Corresponde a um período de intuições, mas tem como objetivo sistematizar as ideias iniciais. Trata-se de um mecanismo que pode ser flexível, mas deve ser preciso. De acordo com a autora, é possível definir três missões nessa fase inicial: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 1997, p. 95).

Com o intuito de que aconteça essa organização, Bardin (1997) propõe a execução de cinco etapas não estruturadas. A leitura flutuante é a primeira delas, que "consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações" (p. 96). Na sequência aparece a escolha dos documentos que fornecerão as informações sobre o problema levantado ou selecionar o que foi coletado para a análise (a posteriori).

Constituir o corpus com base na exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. É dessa forma que são definidos "o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos" (BARDIN, 1997, p. 96).

a) regra da exaustividade: todos os elementos que se enquadram no campo do corpus escolhido devem ser considerados, sem exceção. Complementa-se ao princípio da não-seletividade;

b) regra da representatividade: a amostra escolhida para análise deve representar o universo inicial como um todo. Dessa forma, os resultados obtidos aplicam-se para o restante;

c) regra da homogeneidade: os documentos retidos devem obedecer a critérios precisos e semelhantes, sem apresentar grande singularidade;

d) regra da pertinência: os documentos integrantes do corpus devem ser apropriados enquanto fontes de informação, para que possam cumprir com os objetivos da análise.

As hipóteses são formuladas na terceira fase, onde Bardin (1997) apresenta como afirmações provisórias a serem confirmadas pelo processo de análise. A quarta etapa é destinada à referenciação dos índices e a escolha destes, que pode ser influenciada pelas hipóteses da pesquisa, e a elaboração de indicadores, tendo em vista a organização sistemática dos índices. A última atividade é a preparação do material, que é a enumeração dos elementos a serem utilizados, organização e edição dos mesmos, quando necessário. Ao concluir a etapa, a Análise de Conteúdo pode seguir para a exploração do material.

7.1.2 EXPLORAÇÃO MATERIAL

É a segunda fase na Análise de Conteúdo e, conseqüentemente, por se aprofundar, a mais longa. Segundo Bardin (1997), consiste na essência, em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras já formuladas.

7.1.2.1 Codificação

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, de forma que sua representação permita a análise. Bardin (1997) afirma que o processo depende de escolhas de recorte, de enumeração e de agregação.

A autora esclarece tipos de registros que podem ser utilizados para fins de recorte. A palavra, por exemplo, não tem definição precisa em linguística, mas para quem faz parte do uso de idioma corresponde a qualquer coisa. Além disso, o tema, o objetivo, o personagem, o acontecimento ou o documento também servem de parâmetro.

A enumeração complementa a escolha das unidades no processo de codificação, visto que refere-se ao modo de contagem das unidades de registro selecionadas. Bardin (1997) estabelece os seguintes tipos de enumeração:

a) presença (ou ausência): a presença ou ausência de elementos no texto pode ser um indicador de sentido, assim como sua ausência;

b) frequência: a análise de elementos por sua frequência se baseia no princípio de que a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência de aparição;

c) frequência ponderada: nessa modalidade, a aparição de determinados elementos tem mais importância que a de outros;

d) intensidade: avaliação da unidade de registro baseada na força semântica do verbo, tempo verbal empregado e uso de adjetivos;

e) direção: critério que segue a frequência ponderada, é uma avaliação de caráter qualitativo. Pode ser favorável, desfavorável ou neutra;

f) ordem: a ordem de aparição dos elementos pode atuar como índice. É complementada pela análise do encadeamento das unidades de registro.

g) coocorrência: é a presença simultânea de dois ou mais elementos em um mesmo contexto. Considera sua distribuição e associação entre eles.

7.1.2.2 Categorização

A categorização do corpus é considerada por Bardin (1997) como um processo estruturalista que ocorre em duas etapas: o inventário, que consiste na separação dos elementos e a classificação, que reagrupa os elementos de acordo com as similaridades entre eles. Um bom conjunto de categorias deve atender as seguintes qualidades:

a) exclusão mútua: um mesmo elemento não pode pertencer a mais de uma categoria, o que é um indicativo de clareza na escolha do critério;

b) homogeneidade: um único princípio de utilização deve ser considerado na construção de cada categoria;

c) pertinência: o sistema de categorias estabelecido deve se relacionar com o processo de investigação e com o conteúdo em questão, sendo assim, relevante para o trabalho do analista;

d) objetividade e fidelidade: a codificação dos materiais deve ser realizada a partir dos mesmos parâmetros, sem distorções derivadas da subjetividade do conteúdo. Tal fato depende da precisão na elaboração dos índices que classificam cada elemento;

e) produtividade: um conjunto é considerado produtivo ao permitir a obtenção de resultados claros.

7.1.3 Tratamento dos resultados, inferência e interpretação

Bardin (1997) afirma que nessa etapa é possível elaborar quadros, diagramas, figuras e modelos que facilitem a apresentação dos dados alcançados. Para a autora, os resultados já tratados permitem ao analista propor inferências e a interpretação dos mesmos.

Segundo Bardin (1977, p. 133), a inferência poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem

(significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”. Em ambos os casos, a Análise de Conteúdo contribui para o desenvolvimento de um raciocínio baseado na indução a partir dos elementos.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os debates já realizados por outros autores da Comunicação, referentes aos assuntos que importam para desenvolver a pesquisa, foram base e deram suporte para os questionamentos em torno do tema.

8.1 JORNALISMO

Felipe Pena, em sua obra *Teoria do Jornalismo* (2005), afirma que “a natureza do jornalismo está no medo”. Entre outros pontos levantados durante o livro, o escritor destaca a importância de dominar o caos na profissão, pois diariamente se convive com uma rotina distinta. Diante disso, as obras *Jornalismo: compreensão e reinvenção* (2009) de José Marques de Melo; e *Jornalismo Esportivo* (2011), de Paulo Vinícius Coelho, auxiliarão na compreensão do tema.

8.2 JORNALISMO ESPORTIVO

Além do livro *Jornalismo Esportivo* (2011), de Paulo Vinícius Coelho, outra obra que colabora com este trabalho é *Manual do Jornalismo Esportivo* (2006), de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel. As notícias sobre o esporte, até então pouco conhecido, estavam cada vez mais próximas de serem divulgadas, com o apelo popular. Os jornais começavam a ceder e divulgar pequenas notas sobre o futebol. Ribeiro (2007, p. 26) caracteriza que: “o jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com *O atleta*, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro.

8.3 RÁDIO E O ESPORTE

André Ribeiro, em sua obra *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil* (2007), relata a relação do rádio com o futebol. Como Ribeiro (2007, p. 75) descreve:

Se no início do século XX Charles Miller batalhou para que notícias do futebol fossem divulgadas pelos jornais paulistanos, Nicolau Tuma, um jovem estudante de Direito, de apenas 20 anos, foi quem convenceu seus patrões

da Rádio Educadora Paulista a transmitir na íntegra, pela primeira vez na história do rádio, uma partida de futebol. O jogo escolhido para a transmissão foi entre as equipes de São Paulo e Paraná, válido pelo Campeonato Brasileiro de 1931.

A partir daí começaram a tomar forma as transmissões do futebol no rádio, onde o torcedor acompanhava em tempo real e com muita emoção um dos esportes mais populares do mundo.

8.4 METODOLOGIA

Para conhecer a metodologia de pesquisa em comunicação e a aplicação das técnicas para a realização desse projeto, foi fundamental a leitura dos livros: *Análise de Conteúdo* (1977), de Laurence Bardin, e *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, de Jorge Duarte e Antonio Barros.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 JORNALISMO

2.1 HISTÓRIA DO JORNALISMO

2.2 TEORIAS DO JORNALISMO

2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

2.4 JORNALISMO ESPORTIVO

3 RÁDIO

3.1 SURGIMENTO DO RÁDIO

3.2 HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL

3.3 CONVERGÊNCIA DO RÁDIO

3.4 LIGAÇÃO DO RÁDIO COM TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

3.5 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO

4 RÁDIO CAXIAS

4.1 HISTÓRIA DA EMISSORA

4.2 RELAÇÃO COM CAXIAS E JUVENTUDE

5 TRANSMISSÕES ESPORTIVAS EM RÁDIO

5.1 JORNADAS ESPORTIVAS

5.2 EVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS

6 PANDEMIA DE COVID-19

6.1 REFLEXOS DO COVID-19 NO MUNDO

6.2 REFLEXOS DO COVID-19 EM ESTÁDIOS DE FUTEBOL

7 METODOLOGIA

8 ANÁLISE

8.1 JUVENTUDE 4 X 0 IMPERATRIZ (2019)

8.2 GUARANI 0 X 1 JUVENTUDE (2021)

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 BIBLIOGRAFIA

11 APÊNDICE

12 ANEXOS

10 CRONOGRAMA

DATA	ATIVIDADE
01/02 a 07/02	Capítulo 2: Jornalismo até 2.1 História do Jornalismo
07/02 a 14/02	2.2 Teoria do Jornalismo até 2.3 Gêneros Jornalísticos
15/02 a 22/02	2.4 Jornalismo Esportivo
22/02 a 03/03	Capítulo 3: Rádio até 3.1 Surgimento do Rádio
03/03 a 10/03	3.2 História do rádio no Brasil até 3.3 Ligação do rádio com transmissões esportivas
10/03 a 17/03	3.4 Radiojornalismo esportivo até Capítulo 4: Rádio Caxias
17/03 a 24/03	4.1 História da emissora até 4.2 Relação com Caxias e Juventude
24/03 a 07/04	Capítulo 5: Transmissões esportivas em rádio; 5.1 Jornadas esportivas até 5.2 Evoluções tecnológicas
07/04 a 21/04	Capítulo 6: Pandemia de Covid-19; 6.1 Reflexos do Covid-19 no mundo até 6.2 Reflexos do Covid-19 em estádios de futebol
21/04 a 30/04	Capítulo 7: Metodologia até Capítulo 8: Análise
01/05 a 20/05	8.1 Juventude 4 x 0 Imperatriz até 8.2 Guarani 0 x 1 Juventude
20/05 a 30/06	Considerações finais

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. Manual do Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2013

CÉSAR, Cyro. Rádio, a mídia da emoção: a história, a magia e as técnicas para se fazer rádio. São Paulo: Summus, 2015.

COELHO, Paulo Vinicius. Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2011.

CREPALDI, Daniel Damasceno. A PARTICIPAÇÃO DA RÁDIO NACIONAL NA DIFUSÃO DO FUTEBOL NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 1930 E 40. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Brasília, 2009. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. COVID-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise. Porto Alegre, NER, 2020.

JAVORSKI, Elaine. Radiojornalismo: do analógico ao digital. Curitiba, Intersaberes, 2017.

MOREIRA, Sonia Virgínia; LIMA, Simone Candida. Jornalistas e produção de notícia na pandemia: percepções profissionais em redações do Rio de Janeiro. Artigo. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

RIBEIRO, André. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo, 2007.

SILVA, Larissa Stephanie Moura. Jornalismo na pandemia do coronavírus: as adaptações encontradas pelos jornalistas de televisão. 2020. TCC; jornalismo; graduação. Centro Universitário do Sul de Minas Gerais.

SILVEIRA, Nathalia Ely. *Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas*. Porto Alegre, UFRGS, 2009.

ANEXO I - OBJETO DE PESQUISA

JUVENTUDE X IMPERATRIZ:

https://drive.google.com/file/d/1dmu1EK5Q0iDGwYZuByKbqdfP6_KHXhNy/view?usp=sharing

GUARANI X JUVENTUDE:

<https://drive.google.com/file/d/1hdpOnTumb-WUZ1at9H2AR2qvUZBo4UP0/view?usp=sharing>